

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Setembro de 2013



**Memórias
de Graciliano,
o militante**

**200 anos da
morte do
Aleijadinho,
o gênio do barroco**

**Livros recuperam
história política
do Brasil**

**E MAIS:
Poesia, conto, crônicas**

10

SUMÁRIO



CAPA

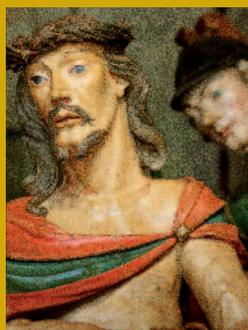
O gênio do barroco

Por iniciativa da Assembleia Legislativa, foi instituído em Minas o Dia do Barroco Mineiro, que será celebrado anualmente a cada 18 de novembro, para lembrar a morte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que completará 200 anos em 2014, já declarado Ano do Aleijadinho no Estado.

MagisCultura antecipa a celebração, dedicando sua capa e dois textos ao artista genial, que retratou na expressão aflitiva dos rostos que esculpia o próprio sofrimento, a decadência das Minas do ouro e a violenta repressão desencadeada contra os envolvidos na conspiração mineira pela independência, de que foi contemporâneo, como bem anotou Sylvio de Vasconcelos.

O Cristo de nossa capa integra o conjunto artístico monumental que são os 'Passos da Paixão', na cidade de Congonhas, onde se encontram também, no adro da Igreja de Bom Jesus de Matozinhos, os Profetas, talvez seu trabalho mais conhecido.

Foto de Sérgio Falci.



CRÔNICA

'A última flor do Lácio':
no hemisfério sul, agora a maior

Doorgal Borges de Andrada

4



RESENHA

Dois livros que merecem ser lidos

Luiz Carlos Biasutti

6



POESIA

Dois poemas

Renato César Jardim

9



Veneremos nossos mortos

João Quintino Silva

10



Dois poemas

Llewellyn Davies A. Medina

11



LITERATURA

Graciliano Ramos

A angustiada vida do autor de
'Vidas Secas'

Gutemberg da Mota e Silva

12



CONVIDADO ESPECIAL

A rica e instigante história
do criador da arte brasileira

Francisco Brant

20



ENSAIO

Prelúdio de um encontro noturno:
Aleijadinho e os modernistas

Daniel César Botto Collaço

28



MAGISTRADO CONVIDADO

Pelos fóruns da vida

Francisco Jaime Medeiros Neto

34



LITERATURA

Júlio Ribeiro e a polêmica naturalista

Matheus Jardim

36



CONTO

Amores reais

Bruno Terra Dias

40



CRÔNICA

Outonos

José Fernandes Filho

42



CONTO

Chesterton

Renato Zupo

44



CARTA

54

EDITORIAL

O gênio do povo

"Eles eram o que havia de mais povo em nosso povo."

Foi assim que o governador Tancredo Neves referiu-se, certa vez, ao Aleijadinho e a Tiradentes, para ele "*símbolos do singular espírito de nossa gente*". Efetivamente, ambos são marcas indeleveis de nossa história e, cada um à sua maneira, peças insubstituíveis na formação da cultura mineira.

É a um desses símbolos, o genial Antônio Francisco Lisboa, que dedicamos a festiva décima edição da nossa *MagisCultura*, para celebrar a proximidade do bicentenário de sua morte, mas, principalmente, para jogar um pouco mais de luz sobre sua obra monumental, em grande parte ainda inexplicada e inexplicável, mesmo com a profusão de estudos e pesquisas já feitas em torno dela.

É do mestre Aleijadinho a face angustiada do Cristo de nossa capa e é a ele que dedicamos várias de nossas páginas, em textos entregues a um estudioso convidado, o jornalista Francisco Brant, e a um magistrado muito afeito às artes de Minas, Daniel Collaço, que regride no tempo e faz um passeio pelas ruas de Ouro Preto ao lado do próprio Aleijadinho e do grupo de artistas modernistas paulistas que visitaram a antiga Vila Rica em 1924.

Como sempre muito diversificada, nossa revista cultural também continua a revelar o apuro reflexivo de alguns magistrados, em abordagens sobre Graciliano Ramos, Júlio Ribeiro, a 'última flor do Lácio' e os livros históricos, e o talento literário de outros, em contos, crônicas e poemas.

Além disso, criamos uma nova seção, a do 'magistrado convidado', que abrigará a cada edição texto de um colega de outro Estado brasileiro; na estreia, o juiz Francisco Jaime Medeiros Neto, do Ceará.

Também como sempre, uma ótima leitura.

Herbert Carneiro
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2013-2015

Presidente: Desembargador Herbert Carneiro

Vice-presidente Administrativa: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente Financeiro: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente de Saúde: Juiz Maurício Torres Soares

Vice-presidente do Interior: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Desembargador Tiago Pinto

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargador Tibagy Salles Oliveira

Diretor-secretário: Juiz Morvan Rabêlo de Rezende

Subdiretora-secretária: Juíza Maria das Graças Rocha Santos

Diretoras de Comunicação: Juízas Aldina de Carvalho Soares e Rosimere das Graças do Couto

Diretora do Centro de Estudos da Magistratura: Desembargadora Jane Ribeiro Silva

Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura: Juiz Luiz Guilherme Marques

Diretores Culturais: Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes,

Desembargadora Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

Conselho Deliberativo: Juiz José Aluísio Neves da Silva (Presidente), José Roberto Sterse (Vice-presidente) e Juiz Antônio Carlos Parreira (Secretário)

Assessores Especiais da Presidência: Desembargadores Tiago Pinto, Nelson Missias de Moraes, Reynaldo Ximenes Carneiro, Doorgal Gustavo Borges de Andrada e Márcio Aristeu Monteiro de Barros, Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina, Juiz Lailson Braga Baeta Neves e Juiz Carlos Donizetti Ferreira da Silva

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Conselho Editorial: Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e escritor Carlos Herculano

Diretor da Revista: Juiz Renato César Jardim

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (www.communicatio.com.br)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Rona Editora

Tiragem: 2.500 exemplares

Envio de textos para publicação: leia normas na terceira capa



'A última flor do Lácio': no hemisfério sul, agora a maior

Doorgal Borges de Andrada
Desembargador do TjMG

Quando um povo fala uma só língua isto fortalece a unidade da nação e encurta as distâncias entre países do mesmo idioma. Qualquer diversidade de línguas dentro de um mesmo país muitas vezes provoca uma tensão real e, como exemplo, vemos a situação atual da Bélgica (holandês x francês) e do Canadá (francês x inglês), dentre outros.

Foi com base na igualdade da língua que nasceu em 1996 a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), formada por Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e o Timor-Leste.

Os sete membros da CPLP cultivam uma especial cooperação cultural, política, esportiva, econômica e educacional e variados tipos de ajuda mútua, tudo em razão de uma mesma língua oficial que praticam: o português.

No inesquecível poema do grande e imortal Olavo Bilac (1865-1918) a nossa língua portuguesa foi lembrada como a 'última flor do Lácio, inculta e bela'. Tal qual as línguas espanhola, francesa, romena e italiana, também o português vem da região do Lácio (em latim, Latium; em italiano, Lazio).

Feita a 'divisão do mundo' pelo Tratado de Tordesilhas (1494), a fala espanhola e a portuguesa foram logo implantadas no Novo Mundo, na então Era dos Descobrimientos. Posteriormente, também foi a vez de outros idiomas, como o inglês, o holandês e o francês, desembarcarem em inúmeras regiões do vizinho continente africano.

Desde então, as principais línguas europeias fincaram raízes na América do Sul e na África e perduram fortes até os nossos dias, quer como primeira língua (materna), quer como segunda língua, em inúmeros países.

Na cidade de Macapá – capital do estado do Amapá – existe um estádio de futebol em que a linha que divide o campo é a mesma que divide também nosso planeta em hemisférios norte e sul: a imaginária linha do equador. Portanto, apenas uma pequenina área do Brasil não está no hemisfério sul.

Essa importante observação geográfica, somando-se a localização de Angola e Moçambique, e também o distante e sofrido Timor-Leste, na Ásia, é que fazem do português – como língua oficial – o mais falado idioma no hemisfério sul do planeta, superando inclusive o inglês, o francês e o espanhol. No sul, somos os maiores, com mais de 235 milhões de falantes!

Quem poderia imaginar que aquela poética construção de Olavo Bilac, na realidade, acabaria por se inverter, e 'a última flor do Lácio, inculta e bela', se transformaria 'na primeira, muito forte e bela', a mais falada entre todas, do lado de baixo do equador?!

“[...] o português –
como língua oficial –
é o mais falado
idioma no hemisfério
sul do planeta,
superando inclusive
o inglês, o francês
e o espanhol.”



Dois livros que merecem ser lidos

Luiz Carlos Biasutti
Desembargador aposentado

“**João Goulart**”, de Jorge Ferreira, Editora Civilização Brasileira

O autor pesquisou vários anos documentos e jornais da época e ofereceu aos leitores, em 714 páginas, uma nova visão sobre a vida e a atuação política do ex-presidente do Brasil e, ao mesmo tempo, apresentou o contexto do Brasil, antes e depois dos movimentos acontecidos naqueles anos tão perturbados da República. Ainda no suplemento PENSAR, do jornal ESTADO DE MINAS (26 de maio de 2012), o professor da PUC Minas, Mozair Salomão Bruck, apresentou excelente crítica sobre esta biografia de Jango, que prende a atenção do princípio ao fim. E, entre tantos episódios interessantes, merece ser bem gravado o fim da vida do ilustre biografado. O velório e enterro do ex-presidente ganharam na biografia feita por Jorge Ferreira uma descrição emocionante, que o leitor jamais esquecerá. Eis um pequeno trecho:

Os militares obrigaram que o carro que levava o corpo de João Goulart, que morreu na localidade de Mercedes, na Argentina, andasse já em terras brasileiras, sempre acelerado, sem que a população de São Borja e adjacências pudesse dele se despedir. Havia proibição de qualquer homenagem do corpo presente, em

“Depois da leitura da biografia de João Goulart, temos um sentimento de simpatia pelo homem que tentou, apenas, conciliação entre os brasileiros.”

especial, discursos políticos. Tudo isso foi burlado, mas a família sequer pode abrir o caixão e vê-lo pela última vez.

Escárnio final do vencedor contra o derrotado.

E o féretro só entrou na igreja de São Borja graças à grandeza de dois senadores que obrigaram os militares a prestar esta última homenagem: Pedro Simon e Tancredo Neves.

Depois da leitura da biografia de João Goulart, temos um sentimento de simpatia pelo homem que tentou, apenas, conciliação entre os brasileiros.

“**Maldita Guerra - nova história da Guerra do Paraguai**”, de Francisco Doratioto

O livro de 617 páginas é fruto de 15 anos de pesquisa em arquivos e bibliotecas do Brasil, Argentina, Uruguai e documentos da Europa. O próprio autor viveu durante três anos no Paraguai, onde visitou os locais dos combates e descobriu informações surpreendentes que o fizeram rejeitar algumas interpretações absolutamente falsas. O livro acaba com mitos antigos e recentes sobre o tema.

Francisco Doratioto, com documentação do governo inglês e do arquivo paraguaio, prova plenamente que não houve interesse da Inglaterra na guerra do Paraguai. Documenta, inclusive, que na época o governo imperial brasileiro estava rompido com a Grã-Bretanha por causa do roubo da carga de um navio britânico que naufragara no litoral do Rio Grande do Sul, em 1861. O representante diplomático britânico exigiu indenização, mas o Brasil teve ganho de causa em arbitramento internacional. O governo inglês não pediu desculpas e o governo brasileiro rompeu as relações com Londres. O certo é que a tese da participação inglesa não tem fundamento.

A guerra do Paraguai que Doratioto chama de ‘maldita’ tem problemas diversos. O Brasil precisava da navegação livre nos rios Paraná e Paraguai, a fim de ter mais aproximação com a província de Mato Grosso, já que em 1860 não existiam estradas. A viagem da capital, Rio de Janeiro, à cidade de Cuiabá só era possível pelo rio da Prata.

Francisco Solano López, ditador do Paraguai, deu início à guerra com a apreensão do navio brasileiro “Marquês de Olinda”, em Assunção, no dia 11 de novembro de 1864, e dois dias depois declarou guerra ao Brasil. Em dezembro, invadiu a província de Mato Grosso. Em abril de 1865, Solano Lopes invadiu a província de Corrientes (Argentina) e ainda no mês de junho atacaria o Rio Grande do Sul, visando entrar no Uruguai.

No dia 1º de maio de 1865 veio a resposta dos três países – Brasil, Argentina e Uruguai –, com a assinatura do tratado que deu origem à Tríplice Aliança. Deixo para o leitor o exame do sofrimento dos soldados em região sem indicação alguma, as doenças e batalhas terríveis com dificuldade de comunicação

com o Brasil, cuja capital ficava longe, e a demora da duração da guerra, que foi um prato feito para a oposição e os jornais mais lidos nas capitais das províncias.

Enfim, o autor relata pormenorizadamente a dureza das tropas aliadas demonstrando toda a dinâmica da guerra. É um trabalho excelente para os amantes de história.

Faço, apenas, um reparo sobre a atuação dos capelães militares, pois não pode ser generalizado o desempenho de alguns. A maioria prestou relevante serviço durante os cinco anos de guerra e alguns ainda trabalharam na assistência espiritual em Assunção por vários anos após a guerra. Desde maio de 1865, sob o comando do general Ozório, os frades capuchinhos Frei Fidelis de Ávora e Geronimo de Monte Fiore deram assistência aos feridos sem fazer distinção entre paraguaios e brasileiros.

Na invasão do Mato Grosso pelas tropas paraguaias, dois frades caíram prisioneiros sendo um deles fuzilado. Em Assunção, depois da guerra, Frei Fidelis foi administrador

apostólico da Diocese e quando voltou para o Rio de Janeiro recebeu no convento do Morro do Castelo a visita do próprio imperador D. Pedro II, em reconhecimento pelos serviços “*de verdadeira caridade evangélica*”. Estes capelães italianos deixaram saudades pelo zelo e atendimento, sem distinção entre vencedores e vencidos. (*Opúsculo* escrito por Frei Giuseppe Castrogiovani, Catania, Sicília, Tipografia de Giacomo Pastore, 1910, Arquivo de Siracusa, Itália).

Quinze anos depois da Guerra do Paraguai, o Brasil já tinha 20 milhões de habitantes, com mais de 1 milhão de imigrantes; o Paraguai, 600 mil, incluindo índios guaranis e paraguaios fugitivos; Argentina, 6 milhões de habitantes, com 500 mil imigrantes; Uruguai, 1 milhão de habitantes, sendo 100 mil imigrantes. O Paraguai perdeu mais ou menos 100 mil soldados nas batalhas e outros 50 mil em doenças e fuga para a região do Chaco. O Brasil teria perdido nas batalhas e doenças cerca de 90 mil homens; a Argentina, 15 mil e o Uruguai 500 soldados. Muita gente fugiu do ‘inferno verde’, inclusive famílias paraguaias, que vieram para o Brasil, conforme o estudo de Doratioto.

Em resumo, essa nova visão da guerra rejeita a interferência britânica no conflito, localizando seu início dentro do processo histórico regional. O livro revela o duro cotidiano das tropas da Tríplice Aliança e demonstra a atuação dos grandes chefes militares brasileiros que, sob o comando do Duque de Caxias, após muito sacrifício por região de difícil acesso venceram esta guerra tão cruel. Revela, ainda, que Solano López foi um ditador cruel, que, quando se viu perdido, torturou e matou brutalmente seus colaboradores, inclusive seus irmãos.

O próprio Dicionário Larousse sabiamente sustenta “*que uma diplomacia mais cautelosa poderia ter evitado esta guerra sangrenta que custou milhares de vidas e milhares de mil contos, sem que de tais sacrifícios o Brasil colhesse qualquer compensação material*”. (*Dicionário Prático Ilustrado*, Livraria Chardon, Tome III, Lisboa, 1955).

“Uma diplomacia
mais cautelosa
poderia ter evitado
esta guerra sangrenta
que custou milhares
de vidas e milhares
de mil contos,
sem que de tais
sacrifícios o Brasil
colhesse qualquer
compensação
material.”

Dois poemas

Renato César Jardim

Juiz de Direito em Belo Horizonte

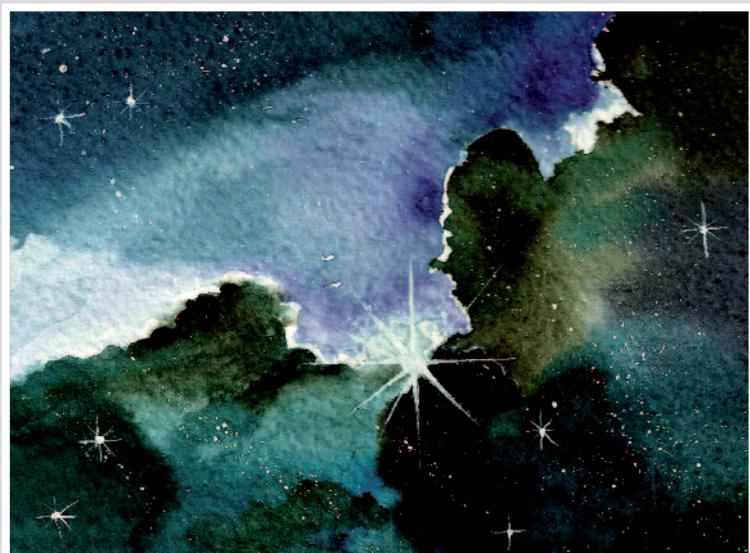
Pássaro da vida

Em silêncio projetei
diante da construção sem vida prestes a ruir
não sentir escoar as esperanças do concreto.

Na iminência da escuridão hostil
– resultado do jogo de azar –
iluminado por um clarão cadente
busquei pelas orelhas o triunfo fujão
convicto na incerteza lotérica.

No bruxuleio da chama
desafiei destinos acorrentado à ilusão
e dancei enfim
(ao som de um tambor sistólico)
na festa do parto avesso fracassado.

Vi no possível improvável medrar a flor
no muro ruinoso.



Absconsa

Em minhas noites
dei-te visibilidade.

Hoje te sei presente
carrego-te indelével
Mas sou eterno equinócio de luz.
Findo o astronômico espetáculo
não há noite seguinte
o parto que dá à luz
faz sucumbir.

A ausência de escuridão
é a morte das estrelas.

Veneremos nossos mortos

João Quintino Silva
Desembargador aposentado

Desgasta-se o tempo no quadrante das horas.
Finados vem chegando. Oportunidade para o resgate maior da memória de nossos entes queridos, que partiram para a dimensão da glória, da luz eterna, da comunhão divina.

Abençoadas sejam suas almas.

Na reflexão de Tristão de Athayde, colhida no “Jornal do Brasil”, de 11 de dezembro de 1981, coluna ‘Opinião’,

A morte desdobra a vida porque começa um novo modo de viver. E, ao mesmo tempo, multiplica e comunica às coisas e aos acontecimentos o rastro de nossa existência terrena.

Amemos nossos mortos. Convém achar tempo para sua veneração porque, pela memória, na força do espírito, como concebe o mesmo pensador supra, igual fonte:
Quando a morte é dos que amamos de amor amado, ela é a passagem de uma presença precária a uma presença perene e permanente. Perene na eternidade. Permanente no tempo. Presença banhada de esperança e saudade. [...]

Os mortos que nos são queridos passam a viver mais intensamente conosco depois da morte [...] nos mais simples e íntimos momentos de nossa vida normal.

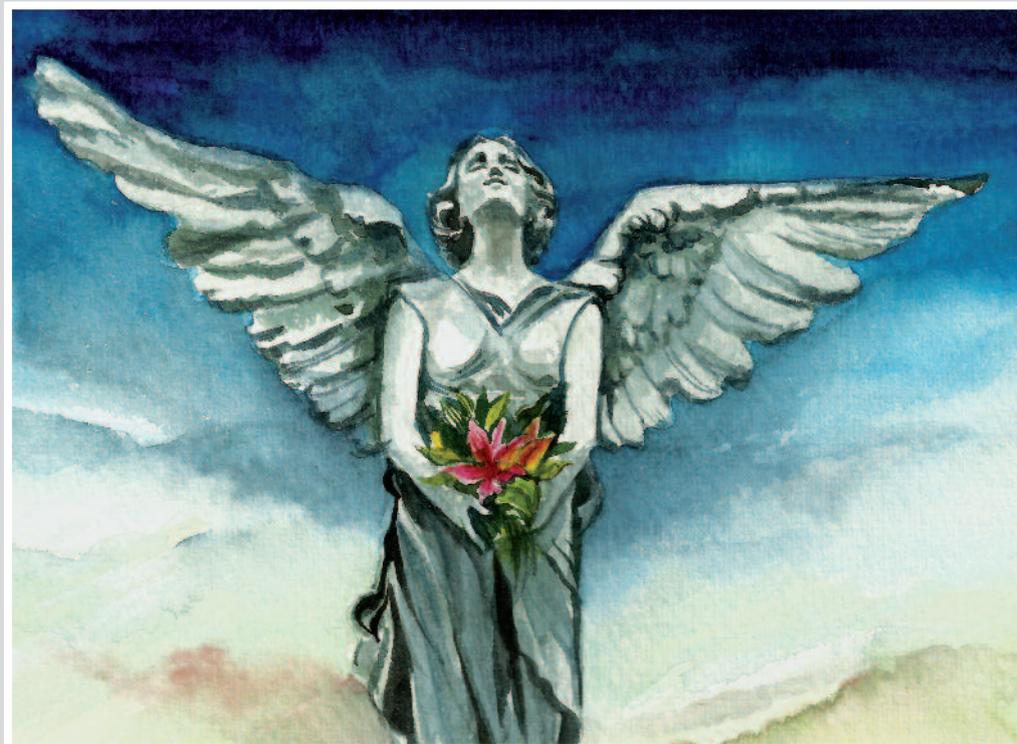
Finados
O mais impensado morto
Tem fugaz ressurreição
Nos zelos dos que ainda são
Neste dia de conforto.

Multiflores maceradas,
Presas a aramíneo fio,
Dão coroamento tardio
A silhuetas descarnadas.

Cada rosto está enxuto.
Mas, chorou-se muito à hora
Em que o morto foi-se embora,
Nos deixando em pleno luto.

Os olhos estão bem secos,
Secos – de areia sem mar...
Só a memória vai ficar
Nos encefálicos becos.

Andam juntos, andam juntos
Catacumbas e palácios.
São prefácios e posfácios
A um conteúdo de defuntos.



Sugestão na morte
A morte... Que é a morte?
– Um corpo inerte,
Duas velas se consumindo...
Vestígios de pranto
Nos olhos que choraram muito,
Uma impressão de sono
E uma vontade
De repousar também!

Dois poemas

Llewellyn Davies A. Medina

Juiz de Direito da 13ª Vara Cível de Belo Horizonte

5x4 A lua cheia
encheu de ouro
a noite escura
que se encolheu
humildemente.



João Bobo
Eis o inusitado
João morreu de paixão
Quem soube duvidou
Não se morre de amor...
João acaso endoidou?

O que dizia o óbito
O escrito é pra valer
Mal súbito!
Mal súbito!



Graciliano Ramos

A angustiada vida do autor de ‘Vidas Secas’

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG

Preso sem saber o porquê, em 3 de março de 1936, na sua casa na Rua da Caridade, em Maceió, Alagoas, o romancista Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, falecido há 60 anos, em 20 de março de 1953, viveu, durante 10 meses e 10 dias – em meio a criminosos comuns e a outros presos políticos – a mesma situação de Joseph K., personagem de *O Processo*, de Franz Kafka, também preso sem saber de que o acusavam. O crime de Graciliano, disseram-lhe informalmente no cárcere, era ser comunista.

Levado para o quartel do 20º Batalhão da capital alagoana, foi embarcado para Recife, onde ficou 10 dias incomunicável, e, depois, no porão de um navio, o ‘Manaus’, para o Rio de Janeiro, ficando no Pavilhão dos Primários, da Casa de Detenção, da Rua Frei Caneca; depois, na Colônia Correcional de Dois Rios, em Ilha Grande; e, o resto do tempo, novamente na Casa de Detenção, sendo libertado somente em 13 de janeiro de 1937, sem nunca ter sido formalmente acusado.

Quando da prisão, no governo provisório de Getúlio Vargas, antes da ditadura do Estado Novo, já fora presidente da Junta Escolar (nomeado em 1926) e prefeito de Palmeira dos Índios (eleito em 1927, renunciou ao cargo em abril de 1930), diretor da Imprensa Oficial de Alagoas (nomeado em maio de 1930, demitiu-se em 1931) e diretor, nomeado em 1933, da Instrução Pública de Alagoas. E, também, já publicara *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934), tinha um inédito, *Angústia*, lançado em 1936, quando ainda na prisão, e vencedor do Prêmio Lima Barreto do ano.

Um assunto magnífico

Memórias do Cárcere (1953) é o relato da vida na prisão, anunciado ao sair da Colônia para a Detenção. Dissera ao diretor da Colônia, onde vivera degradante experiência carcerária, que dali levava recordações excelentes e haveria de pagar um dia a hospitalidade.

– Pagar como?
– Contando lá fora o que existe na Ilha Grande (...)
– Contando?
– Sim, doutor, escrevendo. Ponho tudo isso no papel.
– O senhor é jornalista?
– Não senhor. Faço livros. Vou fazer um sobre a Colônia Correcional. Duzentas páginas, ou mais. Os senhores me deram assunto magnífico. Uma história curiosa, sem dúvida.
O diretor saiu resmungando:

– *A culpa é desses cavalos que mandam para aqui gente que sabe escrever.*

Castigado e injustiçado pelos pais

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu às quatro horas da tarde de 27 de outubro de 1929, em Quebrangulo (sílabas tônicas: *gu*), na microrregião de Palmeira dos Índios, Alagoas, primeiro dos 16 filhos do comerciante e fazendeiro Sebastião Ramos de Oliveira e de Maria Amélia Ferro e Ramos, Dona Mariquinha, 14 anos, 18 menos do que ele. Dênis de Moraes, em *O velho Graça*, sua mais completa biografia, lista os outros: Leonor, Otília, Clodoaldo, Otacília, Clodoaldo (o primeiro morreu), Amália, Anália, Maria (Marili), Carmen, Carmen (a primeira morreu), Clélia, Lígia, Vanda, Clóvis e Heitor.

Em Infância, não poupa os pais. A mãe era “*uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza [...] boca má, olhos maus [...]*”. Dava-lhe dois apelidos humilhantes: bezerro-encourado e cabra cega. Uma vez, bateu-lhe com “*uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas*”. Certo dia, o pai achou que ele lhe escondera o cinturão. Com um chicote, surrou o filho, de quatro a cinco anos de idade. Depois, encontrou o “*maldito cinturão*”, mas não se desculpou. “*Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça*.” (Ele próprio, duro na educação dos filhos, quando irritado, “*batia nos meninos sem piedade*”, conta Dênis). A família morava na época em Buíque, Pernambuco, para onde se mudara quando ele tinha dois anos de idade. Ali o pai comprara uma fazenda, mas, com a seca, abriu uma loja na vila.

Olhos famintos nos livros do tabelião

Graciliano fez em Buíque seus primeiros exercícios de leitura. Em 1899, a família se mudou para Viçosa, Alagoas. Para obter livros, recorreu à biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto, que lhe emprestou *O Guarani* e lhe franqueou todas as coleções. Em 1904, aos 12 anos, relata Thiago Salla, em *Garranchos – Textos Inéditos de Graciliano* (2012), publica conto no *Dilúculo*, jornal do Internato Alagoano, fundado por ele e por um primo, apoiados pelo professor Mário Venâncio. Mudando-se para Maceió em 1905, estuda, em regime de internato, no Colégio Quinze de Maio e, em 1906, escreve no periódico *Echo Viçosense*, também fundado com o incentivo de Venâncio. O jornal acabou logo, com o suicídio deste, sua última notícia.

Como Feliciano de Olivença, publica dois sonetos na revista carioca *O Malho*. No *Jornal de Alagoas*, como Almeida Cunha, publica um soneto, usando vários pseudônimos em outros textos. Depois, repudiaria toda a sua poesia, "*uma desgraça*." A família se mudou para Palmeira. De 1910 a 1914, ele cuidou da casa comercial do pai, a 'Loja Sincera'. Impresso da loja em 1920 indica que tinha "*magnífico sortimento de fazendas, miudezas, ferragens, tintas, etc. etc.*" (*Cartas*, 1980, póstumo). Ali, tinha bacia, sabão e toalha, pois lavava as mãos dezenas de vezes ao dia.

No Rio, revisor e cronista

Sáira de Palmeira em 16 de agosto de 1914, embarcado no navio 'Itassucê', chegando ao Rio em 29 de agosto. Buscou trabalho na imprensa, "*já sentindo, naturalmente, os impulsos da vocação literária*", diz Brito Broca no prefácio de *Linhas tortas* (1962, póstumo). Morou em quartos de pensão, um deles no Largo da Lapa, zona de meretrício e boêmia da cidade. Começou a trabalhar como 'foca', no *Correio da Manhã*, logo passando a suplente de revisão. Ganhava pouco. Passou a revisor, das nove da noite às duas da madrugada. Atuou também nos jornais *A Tarde* e *O Século*. Publicou crônicas no jornal *Paraíba do Sul*, daquela cidade. Brito Broca registra que, nos jornais do Rio, "*as portas estavam trancadas*" para o literato nordestino.

“De caixeiro passaria a sócio, depois a patrão, tudo isso coincidindo com o casamento – o destino de um pequeno burguês provinciano, confinado pelas limitações do meio.”

Três irmãos mortos num só dia

Tragédia familiar o obrigou a retornar a Palmeira: a morte, num só dia, de três irmãos (Clodoaldo, Otacília e Leonor) e de um sobrinho (Heleno), e o estado grave da mãe e de duas irmãs, em consequência da peste bubônica que assolou a cidade em junho de 1915, matando mais de 150 pessoas em poucos dias, diz Valdemar de Souza Lima, em Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios.

Brito Broca observou: "*Era o regresso à província, à vida estreita e acanhada e a renúncia, pelo menos temporária, aos propósitos literários [...]. Quanta amargura nessa retomada de contacto com Palmeira dos Índios! Agora iria ajudar o pai na loja, a conviver com gente simples, num ambiente muito distanciado da atmosfera tumultuosa que respirava na metrópole. De caixeiro passaria a sócio, depois a patrão, tudo isso coincidindo com o casamento – o destino de um pequeno burguês provinciano, confinado pelas limitações do meio.*"

Namoro "muito livre"

Valdemar diz que, primeiro caixeiro da 'Sincera', ele se vestia bem, participava dos eventos sociais. Desejava se casar com Maria Augusta Barros, filha do agricultor Aprígio Barros. "*Aliás, comentava-se que o namoro do moço com a interessante modista era 'muito livre'*", inconveniente, na recatada cidade. E detalha: "*Todas as noites [...] encontrava-se Graciliano na Rua de Baixo, entretendo seu idílio. Faziam assim: ele se debruçava na janela com as costas voltadas para a via pública, a costureira punha a cadeira do lado de dentro e, bem ligadinhos, permaneciam em doce colóquio.*"

Maria Augusta tinha certeza de que a ida para o Rio não atrapalharia o casamento. Os ex-alunos do curso noturno de Português de Graciliano ficaram tristes, mas entendiam que não poderia ficar em definitivo, "*transformado num beócio*", a se conformar com uma "*terra seca, meia dúzia de vacas crioulas e um cavalo de sela*". Fizeram bota-fora: serenata e cavalgada.

Veio a peste bubônica. A casa dos Ramos estava coberta de luto quando ele voltou. A família teve a solidariedade dos palmeirenses, mas, segundo Valdemar, Maria Augusta se revelou, ajudando, consolando, amenizando seus efeitos: "*Aplicava ela mesma as mezinhas, assistia os agonizantes, talhava as mortalhas, fazia o velório, acompanhava os enterros*".

O namoro foi retomado, agora na própria casa dos pais dele. Queriam o casamento logo, apesar da falta de condições do filho e, também, de Sebastião, pois a seca de 1915 era intensa, um flagelo, gado perdido pela metade, colheitas frustradas. Graciliano anunciou o casamento: "*Pois é, vou me embirar com sua filha*". Casaram-se em 21 de outubro de 1915, somente no civil. Ele se recusara a casar na igreja, um sacrilégio naquela sociedade conservadora. Depois, se casariam no religioso, ela já grávida do primeiro filho, "*não custava ceder*", diz Valdemar.

Morte no parto da filha

Em 1917, Graciliano assumiu a loja do pai, que fora cuidar das fazendas. O casal teve três filhos homens – Márcio (1916), Júnio (1917) e Múcio (1919). Esperava uma menina, que realmente veio, em 23 de novembro de 1920, mas Maria Augusta morreu no parto, com 24 anos, deixando quatro órfãos “e o marido espiritualmente arruinado”. A menina recebeu o nome da mãe. Graciliano guardou luto fechado: “Durante um ano, tudo nele era preto – do chapéu aos sapatos, tudo preto”. Certa vez, em carta a amigo, diz que Maria estava muito doente, à morte: “Se morrer, será uma felicidade. Para que viver uma criaturinha sem mãe?”

Maria Augusta foi entregue a Anália, irmã dele. Graciliano repartia com a filha culpa pela perda da mulher. Em criança, chegara a desconhecê-la. Teve vida atribulada, casara-se, desquitara-se, só voltando a conviver com o pai aos 21 anos, loura e linda, mostrando-se muito carinhosa com ele, conta a filha Clara Ramos, em *Mestre Graciliano Ramos – Confirmação humana de uma obra*. Inicialmente, os filhos ficaram na casa dos avós. Mais tarde, Anália se encarregaria de ajudá-lo na criação. Ele reassumiu a loja, “triste, cabisbaixo, arredio”. Em 1921, com pseudônimos, escreve crônicas no jornal *O Índio*, editado pelo padre Francisco Xavier de Macedo, vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo.

Eleito com votos de defuntos

O prefeito fora assassinado em 1926. A situação cogitou do sucessor. Graciliano foi o escolhido: “Bem sucedido como presidente da Junta Escolar, tinha fama de homem honesto, austero e culto, e era amigo dos caciques do partido”, observa o biógrafo. Rejeitou a indicação. Mas, acusado de ter medo, retrocedeu. Em bilhete a um articulador, usando um palavrão, bem no seu estilo, desabafou: “Apareça o filho da puta que disse que eu não sabia montar burro bravo”. Venceu as eleições de 7 de outubro de 1927 com 433 votos, sem fazer campanha, a cargo dos caciques do Partido Democrata. Dênis observa: “Afinal, as eleições na República Velha eram a bico-de-pena – votos a descoberto e currais eleitorais mantidos a ferro e fogo, pela corrupção. O próprio Graciliano, anos depois, desdenharia do processo eleitoral: ‘Assassinaram o meu antecessor. Escolheram-me por acaso. Fui eleito naquele velho sistema de atas falsas, os defuntos votando.’”

Amor para dois

Em dezembro de 1927, o viúvo viu na rua uma moça de fora, Heloísa, 18 anos mais nova, e se apaixonou. Viera de Maceió, com a avó, Austrelina, para assistir à primeira missa do seu primo, o padre José Leite. Dias depois, um bando de moças, dentre elas Heloísa, vendia ingressos da quermesse, arrecadando fundos para as obras da matriz. As moças estavam “presas”. Os rapazes as libertariam comprando ingressos. Graciliano acudiu a seu apelo “com abundância de coração”, diz Valdemar.

Heloísa se hospedava na casa do Padre Macedo. Graciliano escrevia no jornal *O Índio*, com redação na sacristia da igreja. Ali se reveriam. “Amor à primeira vista?”, pergunta Dênis. “Apenas para Graciliano, que teria que se submeter aos piores sacrifícios

“Assassinaram
o meu antecessor.
Escolheram-me por
acaso. Fui eleito
naquele velho
sistema de atas
falsas, os defuntos
votando.”

para um ateu, só para vê-la”, até assistir às missas. O namoro evoluiu no fim de ano. A posse foi em 7 de janeiro de 1928. O pai dele deu recepção na própria casa, no mesmo dia. Para evitar que o padre se retirasse logo, levando consigo a avó e a neta, sugeriu que orasse em um quarto silencioso: “Enquanto o padre orava, diz Dênis, ele o trancaria dentro do quarto, metendo a chave no bolso”. Graciliano propôs casamento na mesma noite. Ela ainda não o amava. Desconsiderou: “O amor que tenho por você é tanto que dá para nós dois”.

Heloísa voltara a Maceió. Graciliano se derrama nas sete cartas escritas entre 16 de janeiro e 8 de fevereiro de 1928: “Porque me quiseste? (...) Eu te procurei porque endoideci por tua causa quando te vi pela primeira vez” (Palmeira, 16-1-1928). (...) Conheces algum padre que me possa casar sem confissão? Não estou disposto a ajoelhar-me nos pés de ninguém. Mentira: estou disposto a ajoelhar-me a teus pés, a adorar-te. (...) Estou muito agradecido a teu pai por ter ouvido com resignação a arenga do padre Macedo” (Palmeira, 18-1-1928). Referia-se ao pedido de casamento feito por meio do padre, que para isso fora a Maceió. Valorizando o pretendente, contou ao futuro sogro que ele escrevia um romance. Casaram-se em 16 de fevereiro, tiveram quatro filhos: Ricardo, Roberto (falecido aos seis meses), Luísa e Clara.

Prefeito não tem pai

Graciliano surpreendeu como prefeito. Cobrou os impostos com rigor. Determinou a limpeza das ruas, "*onde proliferavam animais vadios, lixo acumulado, lama e detritos*"; conta o biógrafo. Os donos de animais, acostumados a deixá-los soltos, resistiram ao recolhimento, soltando-os novamente. Determinou que se matassem os animais não recolhidos. O pai não queria acatar a ordem. Disse-lhe que mandaria multá-lo: "*Prefeito não tem pai*". Pagaria a sua multa, mas não abria mão da apreensão. Iniciou a construção da estrada para Palmeira de Fora, usando mão de obra de presos. Um fazendeiro resistira às obras em suas terras. Foi até lá e mandou cortar as roças de milho. Disse-lhe que a colheita seria em 90 dias, mas ele já poderia passar na Prefeitura, para receber seu dinheiro.

Os relatórios enviados em 3 de janeiro de 1929 e 11 de janeiro de 1930 ao governador de Alagoas, Álvaro Paes, prestando contas da administração, eram informais, bem-humorados. Disse ter cuidado muito da limpeza pública, retirou lixo acumulado, incinerou monturos. "*Houve lamúrias e reclamações por se haver mexido no cisco (...) guardado em fundos de quintais; lamúrias, reclamações e ameaças porque mandei matar centenas de cães vagabundos; lamúrias, reclamações, ameaças, guinchos, berros e coices dos fazendeiros que criavam bichos nas praças*".

Sobre o cemitério, escreveu: "*Pensei em construir um novo cemitério, pois o que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamam*".

Os relatórios foram parar nos jornais. Jorge Amado revela, em *Navegação de cabotagem*, que foi José Américo de Almeida quem revelou a existência dos originais de Caetés. O editor Augusto Frederico Schmidt mandou pedir o livro para publicar. Tendo lido os originais, Jorge foi a Maceió em 1933, conhecê-lo. Estava num bar, o centro da roda, "*chapéu palheta, a bengala, o cigarro, a face magra, sóbrio de gestos. Parecia seco e difícil, diziam-no pessimista, era terno e solidário, acreditava no homem e no futuro*". Ficaram amigos na hora. Seis anos antes, José Lins do Rego fora conhecê-lo em Palmeira. Soube que "*fizera sonetos, sabia inglês, francês, falava italiano*", conta Dênis: "*O sábio entendia também de Balzac, de Zola, de Flaubert...*"

Nuvens e sombras

Graciliano, que publica artigos no '*Jornal de Alagoas*' em 1930, penara depois que se demitira do cargo de prefeito, em 30 de abril de 1930, e, depois, do de Diretor da Imprensa Oficial, em 26 de dezembro de 1931. Já liquidara o estoque e vendera a '*Sincera*' e, sem emprego em Maceió, voltou para Palmeira em 1932. Heloísa ficou com os filhos, na casa do pai dela, conta Dênis. Os filhos do primeiro casamento "*viviam ora com ele, ora na fazenda do avô*". Em entrevista republicada em *Garranchos*, afirma: "*... no começo de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperança, enxergando em redor nuvens e sombras*". Lembrou-se de um conto em que esboçara o perfil de Paulo Honório, personagem principal de São Bernardo, e, na sacristia da igreja, escreveu os 19 primeiros capítulos.

“Pensei em construir um novo cemitério, pois o que temos dentro em pouco será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamam.”

Sofreu queda em 1932, adoeceu gravemente, com inflamação na região ilíaca, foi operado, ficou mais de 40 dias internado, saiu mancando do hospital. Nomeado diretor da Instrução Pública em janeiro de 1933, retorna a Maceió. Participa do grupo de intelectuais do qual faziam parte Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda e José Lins do Rego. Reuniam-se no 'Café Central', conta o biógrafo, dizendo que "o Graciliano retraído se soltava quando ficava meio alto após alguns copos de cachaça". (Anos depois, no Rio, reuniria os intelectuais em torno de si, na sua casa e na Livraria José Olympio, que frequentava assiduamente e onde tinha um banco nos fundos.)

À espera do tenente

Por motivos políticos, foi demitido da Instrução no começo de 1936. Ali aumentara a frequência às escolas, com a merenda escolar, mas delas suprimira o Hino de Alagoas, "uma estupidez com solecismos". Saiu atordoado do Palácio dos Martírios, "filhos miúdos" a sustentar, a mulher a atanzá-lo com ciúmes, os originais de Angústia, ali escrito, por rever e desbastar. No dia da prisão, entregou à datilógrafa os originais. Uma parenta próxima foi à sua casa, aludiu a "crimes vários praticados por mim". Este caso insignificante "talvez tenha mudado o curso de minha vida."

Chegaram dois telegramas ameaçadores. Ex-colega foi à sua casa avisar que seria preso, era urgente sair. Resolveu ficar: "Entrei na sala de jantar, abri uma garrafa de aguardente, sentei-me à mesa, bebi alguns cálices, a monologar, a dar vazão à raiva que me assaltara". Heloísa replicara com estridência, "a sua voz aguda me endoidecia". A razão devia ser econômica, finanças desequilibradas. A situação não o inquietava, mas ela se sentia lesada. Escreveu: "Naquele momento, a ideia da prisão dava-me quase prazer". Tomou banho, preparou-se para sair. Colocou alguma roupa na valise, mandou "comprar muito cigarro e fósforo". Por volta das sete da noite, um oficial do Exército chegou num carro oficial. "Que demora, tenente! Desde meio-dia estou à sua espera". Vendo a pequena valise, disse-lhe que seria melhor levar mais roupa. "É um conselho".

Mero descuidista?

Fora diferente da sua prisão na Revolução de 1930, quando passara somente uma noite, ameaçado de fuzilamento. Em entrevista republicada na coletânea Graciliano Ramos, organizada por Sônia Breyner, disse que o motivo da prisão de 1936 talvez fossem suas ligações com a Aliança Nacional Libertadora, que visava a derrubar Getúlio Vargas, "ligações estas que, no entanto, não existiam". O movimento levou à caça aos comunistas.

Havia no porão do 'Manaus' mais 115 presos políticos, entre eles os da frustrada Intentona Comunista de 1935, em Natal. O que se passou ali, e nos presídios do Rio, lembrado no final da vida, já enfermo, constitui – diz Nelson Werneck Sodré no prefácio de Memórias – a "autópsia de uma época das mais sombrias que este país já atravessou. (...) Sendo um dos maiores escritores de seu país, foi metido entre criminosos comuns, entre assassinos e ladrões, foi preso sem motivo e sem culpa, e jamais foi ouvido ou acusado... Teve sua cabeça raspada, como mero descuidista, foi posto entre tarados, submetido ao vexame comum que pesa sobre os condenados".



Onde acharia
matéria para isso?
“Nos seus romances,
homem. Com as leis
que fizeram por aí,
os seus romances
dariam para
condená-lo.”

Capítulo não escrito

Quando faltava pouco para concluir *Memórias*, Graciliano – filiado ao Partido Comunista Brasileiro em 1945, levado por Luiz Carlos Prestes, e eleito em 1951 presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) – concentrou-se na redação de *Viagem* (1954, póstumo), relato de sua viagem à União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal, em 1952, integrando a delegação brasileira. Voltou com nove capítulos prontos, mas, já doente, não pôde retomar *Memórias*, que ficou sem o último capítulo, em que pretendia relatar “*as primeiras sensações da liberdade*”, conta Ricardo Ramos na “*explicação final*” do livro. A obra, um *best seller*, desagradou ao partido, de que era militante, participando de comícios e passeatas, sendo ferido numa delas. Assediando a viúva e o filho – também militantes, juntamente com Clara Ramos – o PCB tentou, sem êxito, adequá-lo à orientação partidária.

O crítico Wilson Martins questionou a autenticidade do livro, dizendo que o texto publicado diferia dos manuscritos. Teria sido alterado, provavelmente por Ricardo, em benefício do partido, relata o filho em *Graciliano: retrato fragmentado*, rebatendo-o. Anos depois, diz, Wilson reincidiu no tema da adulteração, sem trazer novidade, diz Ricardo, mas, dessa vez, “*contava com o inesperado apoio de Clara Ramos, minha irmã. Surpreendente, pois ela sabia tudo sobre o livro, das condições em que fora escrito à fragilidade das suposições, não era criança (20 anos na época, só quatro a menos do que eu) nem tinha o direito de esquecer.*” O ‘*Jornal do Brasil*’ confrontou os originais e o texto publicado e afastou a fraude. Wilson fez novas afirmações, de novo rebatidas. “*Quanto a Clara Ramos, que falara demais no auge da campanha, em benefício dela mesma calou-se*” – conclui Ricardo.

Preso sem processo

Quando ele foi preso a primeira vez, em 1930, por envolvimento político, Heloísa, temerosa, enterrou embaixo de um pé de sapoti os originais de *Caetés*. Anos depois, com Rachel de Queiroz, resgataria os originais de *Angústia*, por ele jogados no lixo num momento de perturbação. No Rio, surpreendendo-o (não cria que aquela mocinha provinciana tivesse tanta fibra), lutou obstinadamente pela libertação, recorrendo a várias pessoas, entre elas José Lins. Este procurou o advogado Sobral Pinto, que o visitou na cadeia. Comentou que, se fosse autoridade, não o deixaria preso sem processo. Onde acharia matéria para isso? “*Nos seus romances, homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo.*”

A intelectualidade fez campanha na imprensa pela soltura dos presos impronunciados. Respeitado pelo regime, Schmidt destacou suas qualidades de romancista e proclamou sua inocência na Intentona. Recebido no Catete pelo escritor Herman Lima, auxiliar da Presidência, José Lins lhe pediu que transmitisse o apelo a Vargas. Segundo Dênis, Vargas respondeu: “*Você diga ao Zé Lins que nesse caso de comunismo eu não mandei prender ninguém, mas também não mando soltar ninguém. Isso é lá com a polícia.*” Mas comandou: se nada fora apurado contra ele, “*naturalmente que soltem o homem.*” Era o fim da convivência promíscua com cerca de 900 detentos, entre eles o ladrão ‘Cubano’, de quem ficara amigo (ele usara até força física para obrigá-lo a comer a péssima comida da prisão), e algumas mulheres, como Nise da Silveira, Eneida e Olga Benário, mulher de Prestes.

Na pensão de D. Elvira

Libertado em 13 de janeiro de 1937, cabelos grisalhos, abatido, foi com Heloísa para casa de tios dela no Méier e, de lá, para a Rua Alfredo Chaves, casa de José Lins e a mulher, Naná, que, generosos, solidários, os hospedaram num quarto confortável. Sem emprego, sem dinheiro, comendo e dormindo em casa alheia, estava constrangido, mas Heloísa tratou de animá-lo, lembrando que *Angústia* fora bem aceito, não era mais um escritorzinho de província.

Depois, passou a morar em minúsculo quarto da pensão de Dona Elvira, Rua Correia Dutra, 164, Catete, com a mulher e as filhas Luísa e Clara. Ricardo permaneceu em Palmeira, até porque não havia espaço para mais um. Clara conta que Dona Elvira assim chamava os hóspedes para almoçar, “*agredindo*” o idioma e o escritor: “*Podem descerem para comerem.*”

Romance desmontável

Para sobreviver, trabalha como revisor em jornais do Rio, como o 'Correio da Manhã'. Escreve *A terra dos meninos pelados* (1937), prêmio de Literatura Infantil do MEC, e contos, de madrugada, saídos em jornais, depois reunidos em *Vidas Secas* (1938), tendo como temática o drama da seca, vivido por família de retirantes: Fabiano, Sinhá Vitória, dois meninos e a cachorra Baleia. O cronista Rubem Braga, um dos hóspedes, disse, segundo Clara: "Graciliano não fez assim por recreação literária. Foi por necessidade. Ia escrevendo e vendendo o romance a prestação. Quase tão pobre quanto Fabiano, o autor fez assim uma nova técnica de romance no Brasil. O romance desmontável".

O crítico Álvaro Lins, em "Valores e misérias das vidas secas", publicado em *Vidas Secas*, afirma que este, além de ser "o mais comovente e humano" dos livros de ficção do autor, "é o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente".

Foi nomeado, em 1939, inspetor federal de ensino secundário no Rio. Mudou de pensão e, depois, suspeito de estar tuberculoso, foi para um apartamento na Rua Resedá, 13. Publicou *Histórias de Alexandre* (1944), *Dois dedos*, *Infância* (1945), *Histórias incompletas* (1946) e *Insônia* (1947). *Linhas tortas* e *Viventes da Alagoas* saem em 1962, ano em que *Vidas Secas* ganhou o Prêmio William Faulkner. Teve vários livros traduzidos e três filmados.

Ateu melhor que muito católico

O ano de 1950 foi trágico: em 26 de agosto, o filho Márcio, epilético, se desentendeu com companheiro de pensão e, descontrolado, matou-o a tiro. Fora o mais afetado pela dispersão da família. Preparava-se a apresentação à polícia: "Mas o rapaz, completamente perturbado, acabaria se suicidando no dia 30 de agosto." A Ricardo coube contar ao pai, que tinha preferência por Márcio: "O Velho desabou num choro aos arrancos e difícil." Somente outra vez o vira chorar: quando lhe noticiara a morte de Stálin.

Quando escrevia *Viagem*, começou a passar mal: câncer da pleura, já bem adiantado. O PCB assumiria as despesas. Com Heloísa e Clara, foi para Buenos Aires. Quase um mês depois, voltaram. Heloísa contou: "Abriram e fecharam. Não havia mais nada a fazer".

Anália pensou em convertê-lo. Ricardo tremeu. Consultaram o padre José Leite. Resposta: "seu pai ateu era melhor do que muito católico. (...) Vamos respeitar Graciliano." Passou a tomar frequentes injeções de morfina. Ricardo, citado por Dênis, diz: "Era pele e osso. Nós aplicávamos as injeções, e no fim era só pele". Internado na Casa de Saúde São Vitor, faleceu às 5h35min de 20 de março de 1953, ao lado de Heloísa, Clara e Anália. Foi sepultado no cemitério São João Batista, no Rio. Também de câncer, Ricardo faleceria 39 anos depois. No mesmo dia do mesmo mês.

Obras Consultadas

De Graciliano:

- *Caetés*, 10ª. ed., São Bernardo, 17ª. ed., *Angústia*, 14ª. ed., *Vidas Secas*, 29ª. ed., *Memórias do Cárcere*, vols. I e II, 7ª. ed; *Linhas Tortas*, 5ª. ed., *Infância*, 9ª. ed., *Viagem*, 6ª. ed., todos da Livraria Martins Editora, São Paulo: 1972
- *Cartas*, edição especial, fora do comércio, preparada pela MPM - Comunicações, 1980.
- *Garranchos – Textos Inéditos de Graciliano Ramos*. Organização: Thiago Mio Salla, 1ª. ed., Record, Rio/São Paulo, 2012.

De outros autores:

- *O velho Graça – Uma biografia de Graciliano Ramos*, 1ª. ed., Dênis de Moraes, Rio, Livraria José Olympio Editora, 1992
- *Mestre Graciliano – Confirmação humana de uma obra*, 1ª. ed., Clara Ramos. Rio: Civilização Brasileira, 1979
- *Graciliano: retrato fragmentado*, 2ª. ed., Ricardo Ramos, São Paulo: Globo, 2011
- *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*, 2ª. ed., Valdemar de Souza Lima, Rio, Civilização Brasileira, e Brasília: INL, 1980.
- *Graciliano Ramos. Coletânea*, organizada por Sônia Brayner, Rio, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977 (Fortuna Crítica, v. 2).
- *Navegação de cabotagem*, 6ª. ed., Jorge Amado, Rio/São Paulo: Record, 2006.

“Quase tão pobre quanto Fabiano, o autor fez assim uma nova técnica de romance no Brasil. O romance desmontável.”



A rica e instigante história do criador da arte brasileira

Francisco Brant

Francisco Alves Brant é jornalista. Começou sua carreira na profissão em 1968, na Última Hora e a encerrou no jornal Estado de São Paulo/Jornal da Tarde. Depois, coordenou a área de comunicação da Prefeitura de Belo Horizonte e do Governo do Estado, e foi analista político da MCM Consultores em São Paulo; diretor de Planejamento, Gestão e Finanças da Fundação Clóvis Salgado; e assessor de comunicação da Cohab Minas. Recentemente publicou os livros São João del-Rei: Ouro, Guerra e Fé no Rio das Mortes; e Cidades Históricas que mudaram o Brasil.

O calendário do próximo ano do Brasil não terá apenas Copa do Mundo e eleições. Em outra agenda, a cultural, um acontecimento marcante será a celebração do bicentenário da morte de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho – o criador da arte brasileira. A sua memória deverá ser reverenciada amplamente no país, e o governo mineiro, por iniciativa da Assembleia Legislativa, por exemplo, já instituiu o dia 18 de novembro como **Dia do Barroco Mineiro** e declarou 2014 como o **Ano do Aleijadinho** no Estado.

Falecido no dia 18 de novembro de 1814, em Ouro Preto, os restos mortais do gênio do barroco mineiro estão sepultados defronte o altar de Nossa Senhora da Boa Morte, dentro da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Dias, Ouro Preto. Não se sabe com certeza se nasceu em 1730 ou 1738. A data do falecimento registrada naquela igreja é, então, o marco seguro para se homenagear o magnífico entalhador de retábulos e altares, arquiteto desenhista e escultor de imagens em madeira e pedra, de fachadas, capelas-mores, coros, púlpitos, balaustradas e outros ornamentos de igrejas mineiras do século XVIII.

O obituário diz que Antônio Francisco era “*pardo solteiro de setenta e seis anos*”. Todavia, Rodrigo José Ferreira Bretas, autor da primeira biografia do grande artista – *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa: distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho* – teria encontrado na mesma igreja, em 1856, um assento de batismo, já desaparecido. Deste constaria que o artista nasceu em 29 de agosto de 1730, “*filho de Izabel escrava de Manoel Francisco da Costa de Bonsucesso [localidade de Vila Rica]*”. O nome não coincide inteiramente com o do pai. Mas – conforme argumenta o historiador Márcio Jardim em *O Aleijadinho: uma síntese histórica* – Manoel Francisco Lisboa morava em Bonsucesso, e tal como rezava o assento também alforriou o filho na pia batismal.

Bretas escreveu *Traços biográficos* com base no que lhe contou a parteira Joana Francisca de Araújo Correa (ou Joana Lopes, como também era chamada), nora de Aleijadinho e que na época tinha mais de 80 anos. O biógrafo se fundamentou também no *Registro de Fatos Notáveis*, primeiro inventário do acervo artístico e histórico de Minas, publicado em 1790 e deixado por Joaquim José da Silva, 2º Vereador da Câmara de Mariana.

Aleijadinho nasceu na paróquia de Antônio Dias. Caso seja mesmo de 1738 – ano aceito pela maioria dos estudiosos de sua obra – ele nasceu exatamente no ano em que Manoel Francisco se casou com a conterrânea Antônia Maria de São Pedro. O casal teve em seguida três filhas e o filho caçula Félix Antônio Lisboa, mais tarde ordenado padre.

Doente, pobre e abandonado

Ele passou os dois últimos anos de vida praticamente estirado num estrado tosco de três tábuas sobre duas toras, colocado no térreo da humilde casa de uma rua detrás da Matriz. Ali, recebia apenas os cuidados da nora Joana. No final do ano de 1800, ela se casara com Manoel Francisco (neto), o único filho conhecido do magnífico artista, e tiveram Francisco de Paula.

Já esgotado, Aleijadinho morreu muito pobre. Sua última remuneração certa foram 10 oitavas de ouro (aproximadamente 36 gramas), pagas no ano de 1810 pelo desenho arquitetônico da fachada da Matriz de Santo Antônio, em São José del-Rei (hoje, Tiradentes). No final da vida não contava com o filho Manoel Francisco, recenseado em 1804 como seu dependente e como escultor. Não há registro de que tivesse trabalhado com Aleijadinho e, findo seu casamento, provavelmente voltou para o Rio, onde trabalhava como marceneiro.

Também já haviam morrido os seus escravos Agostinho Angola, Januário, Maurício (entalhador e meeiro) e Ana Angola, com quem – supõe-se – teria um filho chamado Pedro, cuja trajetória ficou desconhecida. Não estava a seu lado, ainda, o discípulo e auxiliar Justino Ferreira de Andrade, que se afastou, deixando de pagar ao mestre parte do que combinaram para entalhar dois retábulos e púlpitos da igreja de N.Sra. do Carmo, de Vila Rica.

Do Aleijadinho, Rodrigo Bretas narra assim o perfil físico: “*Antônio Francisco era pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada e o gênio agastado; a estatura era baixa, o corpo feio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa; o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto; a testa larga*”. Conta ainda que o artista tinha lábios grossos; nariz algo aquilino; orelhas grandes; e pescoço curto. Descreve-o no final da vida com “*um aspecto asqueroso e medonho*”, por causa das pálpebras inflamadas; o lábio inferior, o queixo e dentes caídos; e a boca torta.

“A consternadora descrição sobre a enfermidade de Aleijadinho é considerada por muitos estudiosos da vida e obra do gênio da arte colonial mineira como um exagero próprio do romantismo do século XIX, e da criação dos mitos.”

A consternadora descrição sobre a enfermidade de Aleijadinho é considerada por muitos estudiosos da vida e obra do gênio da arte colonial mineira como um exagero próprio do romantismo do século XIX, e da criação dos mitos. De qualquer modo, a sua carreira foi pontuada por 60 anos de muito trabalho e dificuldades. Mas, sem qualquer dúvida, o artista era um criador excepcional e teve uma vida incomum.

Em 1777 se mencionou pela primeira vez, no livro da Irmandade da Igreja de N. Sra. das Mercês e Perdões, de Ouro Preto, que fora carregado por escravos, por não poder se locomover. Durante quatro décadas enfrentou uma enfermidade até hoje não esclarecida. Mas, fosse lepra nervosa, sífilis, reumatismo deformante, escorbuto, zamparina, porfiria ou qualquer outra enfermidade, ou ainda efeito acumulado de suposto consumo de “*cardina*” (substância tóxica que gostaria de ingerir para aumentar sua capacidade artística), teve vida longa e muito produtiva.

O aprendizado com o pai

Também é certo que ele era mesmo filho do português Manoel Francisco Lisboa e de uma de suas escravas, conhecida apenas como Isabel e com quem teria tido duas filhas, também desconhecidas. Português de Odivelas, carpinteiro, projetista, construtor, empreiteiro, fiscal e perito de obras, comerciante, membro da Irmandade de N. Sra. do Carmo de Ouro Preto e eleito dez vezes pela Câmara da Vila como juiz do ofício de carpinteiro, Manoel Francisco já vivia em Vila Rica, no mínimo, desde 1724.

Como milhares de portugueses, brasileiros de diversas capitânicas e estrangeiros, ele entrou na corrida do ouro de Minas – até então a maior de toda a história do Ocidente. Manoel contratou muitas obras, sobretudo em Ouro Preto: o Palácio dos Governadores, as igrejas de Santa Efigênia e N. Sra. da Conceição, chafarizes e pontes. Na condição de mestre, dava também pareceres técnicos sobre diversas obras. Uma deles, sobre os retábulos da Matriz de N. Sra. da Conceição, de Catas Altas.

O 2º Vereador de Mariana, Joaquim José da Silva, escreveu que Manoel Francisco Lisboa dava aulas práticas de arquitetura no canteiro de obras do Palácio dos Governadores e na Santa Casa da Misericórdia. Aos 14 anos, Antônio Francisco começou a aprender desenho, arquitetura e escultura, e já teria recebido do pai a incumbência de desenhar e talhar o chafariz lateral do Palácio dos Governadores, o primeiro trabalho atribuído ao jovem e talentoso artista.

Antônio Francisco sabia ler e escrever – conta Bretas. E, embora o biógrafo informe que o artista não soubesse latim, admite que “*alguém julgue provável*” que tenha aprendido a língua – usada por Aleijadinho nos dísticos bíblicos de algumas obras, principalmente, os Profetas de Congonhas. No livro *Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*, uma de suas obras sobre a arte colonial brasileira, Germain Bazin, ex-curador chefe honorário do Museu do Louvre, de Paris, admite até que Antônio Francisco possa ter ido à Europa. É possível, ainda, ter adquirido conhecimentos da arte erudita europeia por meio de livros, cujo comércio em Minas era ativo para as condições do Brasil à época, como informa o historiador Márcio Jardim.

Tem-se conhecimento, no entanto, de que aos 20 anos já trabalhava no ateliê do pai, e passou a ser seu colaborador, e não apenas mero observador ou ajudante. Dois anos antes, fora

possivelmente aprendiz do lisboeta José Coelho de Noronha, famoso entalhador de retábulos. O jovem artista esteve ligado ao pai até a morte deste em 1767. Tinha 29 anos e já era o seu herdeiro profissional.

Primeiras obras e novas influências

Até provavelmente os primeiros anos da década de 1760, Antônio Francisco deve ter desenhado os riscos de novas fontes e esculturas, e executado algumas dessas obras em Vila Rica e Mariana. Destacam-se o chafariz da Samaritana, em Mariana; a figura da Aguadeira instalada na atual Rua Quintiliano Silva 11, em Vila Rica; e, sobretudo, o Busto feminino e pagão. Ele a esculpiu em pedra sabão (usada pela primeira vez por um artista) e a instalou no topo do chafariz do Alto da Cruz, também em Ouro Preto. Essa foi a fase do “*agradável sensível imediato*” e de “*certa ingenuidade primitivista*” – anotou o autor de *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*.

Além do pai e de Coelho de Noronha, a formação de Aleijadinho deve ter sido influenciada pelo tio xará Antônio Francisco Pombal, suposto irmão de Manoel Francisco e autor da esmerada estrutura interna da Matriz de N. Sra. do Pilar. E, também, pelo excelente Francisco Xavier de Brito, que entalhou naquela igreja detalhes rococós em forma de conchas. Falecido em 1751, Brito fizera anteriormente os maravilhosos retábulos da Igreja de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro.

Em 1776, o artista foi comprovadamente à nova capital do Brasil Colônia para responder a processo movido pela negra alforriada Narcisa Rodrigues da Conceição; talvez por causa da paternidade do filho Manoel Francisco (neto), nascido no ano anterior. No Rio, pode ter admirado também os retábulos atribuídos ao Mestre Valentim, já marcados por “*padrões estilísticos próprios do rococó*” – como assinala a doutora em história da arte e especialista em obras de Aleijadinho, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, no estudo *Escultura Colonial Brasileira: Um Estudo Preliminar*, publicado em *Barroco: Teoria e Análise* (livro organizado pelo já falecido escritor, poeta e crítico de arte Affonso Ávila).

O expoente do barroco mineiro aprendeu muito também nos ateliês e canteiros de obra de outros mestres, como Coelho de Noronha e Tiago Moreira, analfabeto, mas muito talentoso. Seguramente, recebeu ensinamentos teóricos sobre artes com o abridor de cunhos da Casa de Fundição de Vila Rica, João Gomes Batista. Iluminista e professor brilhante de alunos brilhantes em Minas, Batista parece ter iniciado o artista em desenho da anatomia humana e gravação de relevos. Antes disso, não havia em Minas medalhões figurativos, nem santos esculpido com a perfeição típica do especial discípulo. Os querubins – uma das marcas registradas de Aleijadinho, inaugurada em um retábulo que entalhou na Matriz de Caeté – foram nitidamente inspirados no estilo renascentista, cultuado pelo insigne mestre João Gomes Batista. O mesmo aconteceu em relação ao Busto feminino do Alto da Cruz.

Por outro lado, o genial mulato teve acesso a ilustrações europeias de bíblias, missais e “*registros de Santos*” – principalmente, os desenhos dos irmãos alemães Joseph Sebastian e Johann Baptist Klauber. Com isso, pôde assimilar, sem embaralhar, estilos que iam do renascimento ao barroco-rococó da Europa Central. É notável que tenha adquirido tais conhecimentos, porque na Capitania do Ouro praticamente não havia

“Os querubins –
uma das marcas
registradas de
Aleijadinho,
inaugurada em
um retábulo que
entalhou na Matriz
de Caeté – foram
nitidamente
inspirados no estilo
renascentista, cultuado
pelo insigne mestre
João Gomes Batista.”



escolas formais; nem jesuíticas, nem das ordens beneditina, franciscana e carmelita. Portugal vedava as ordens primeiras em Minas, temendo que levassem a outros reinos europeus informações estratégicas em relação ao ouro. Por isso, foram substituídas pelas leigas ordens terceiras, irmandades, confrarias e arquiconfrarias.

Organizadas por classes de renda e/ou cor da pele, estas formavam espaços do convívio religioso e social. Pagavam do próprio bolso os padres e a construção e manutenção de suas igrejas. E possibilitavam o acesso de portugueses pobres, negros e mestiços a oportunidades de negócios e de trabalho nas artes. Esse foi um “*novo metabolismo social*”, como definiram Liana Reis e Virgínia Valadares no livro *Capitania de Minas Gerais em Documentos: Economia, Política e Sociedade*.

Florença dos Trópicos

A circulação e relativa distribuição da riqueza adquirida com a mineração e o comércio, a miscigenação étnica e certa autonomia política das vilas do ouro – primeiros núcleos urbanos brasileiros – movimentavam a Capitania e fomentavam as atividades artísticas. Em meados do século XVIII, a vila já contava com ruas calçadas, muitas igrejas, chafarizes e pontes. Tinha cerca de 100 mil habitantes (o triplo do Rio), sendo metade negra, 17% mulatos, e 12% brancos.

Minas e, particularmente, Vila Rica se transformaram em uma Florença dos Trópicos. Negros, mulatos e outros mestiços, inclusive os analfabetos, podiam atender à demanda de artes e ofícios aprendidos com artesãos e funcionários portugueses. “*Poder-se-ia até mesmo dizer, sem grande pecado de exagero, que nunca antes, nem depois, nas Américas tantas manifestações culturais, de tão alto nível, se produziram em tão exíguo tempo e tão limitado território*” – resume Vasconcellos.

Entretanto, os limitados recursos de material de obra no princípio da colonização mineira, e o posterior declínio da extração de ouro e empobrecimento geral da Capitania, levaram tais artesãos e artistas a desenvolverem, paradoxalmente, novas e criativas soluções construtivas, arquitetônicas e artísticas em geral. O profuso e grandiloquente barroco, transplantado de Portugal para as vilas litorâneas do Brasil, cedeu lugar ao rococó mineiro: um estilo despretensioso, mas bonito, leve e gracioso. A Matriz do Pilar de Vila Rica, por exemplo, foi pioneira nas curvas da estrutura interna. Depois, o rococó ganhou presença em toda a arquitetura, pintura, música, escultura e ornamentação mineiras, e se tornou arte genuinamente brasileira.

A simbiose entre as circunstâncias especiais de Minas e os dons ímpares de alguns indivíduos produziu o gênio e a obra de Antônio Francisco Lisboa. E, também, o talento de seus contemporâneos de Vila Rica e outras vilas mineiras. O entalhador Francisco Vieira Servas, o pintor Manoel da Costa Ataíde, o arquiteto José Pereira Arouca, o compositor José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, e o poeta Cláudio Manoel da Costa são, dentre muitos, os expoentes de cada uma dessas atividades artísticas.

Obras e mais obras

Faltam documentos alusivos, principalmente, às obras de Aleijadinho na juventude e primeira etapa da idade adulta, por volta de 30 anos. Muitas obras intercaladas em diferentes lugares, às vezes num longo período, indicam que o artista as projetava e realizava, indo e voltando entre as atuais cidades de Ouro Preto, Sabará, Caeté, Mariana, Santa Bárbara, Barão de Cocais, Congonhas do Campo, Ouro Branco, São João del-Rei, Tiradentes e outros lugares.

Os peritos inferem a atribuição da autoria de trabalhos ao mestre ouropretano, das suas características ímpares; dentre outras, a anatomia acurada das imagens esculpidas, os cabelos cacheados, o nariz afilado e bem delineado, os olhos amendoados, a boca entreaberta e de lábios carnudos, os bigodes saindo das narinas, a barba encaracolada e bipartida no queixo, a posição dos pés quase em ângulo reto. Várias criações podem ser de artistas orientados por ele em seu ateliê e/ou aqueles que seguiam o mestre de uma verdadeira escola na Minas setecentista. Por isso, ainda no estudo *Escultura Colonial Brasileira: Um Estudo Preliminar*, Myriam Andrade defende ser “*preciso também estudar cientificamente a atuação do ateliê do Aleijadinho*”.

Por conseguinte, isso faz crer também que Aleijadinho – muito envolvido com riscos arquitetônicos e “*louvações*” – se dedicava, pessoalmente, a realizar as obras de maior exigência estética. Exemplos: os belíssimos Cristos que existem nas Capelas dos Passos do Santuário de Congonhas; ou os complexos medalhões figurativos das portadas em pedra sabão das igrejas do Carmo em Sabará, Vila Rica e São João del-Rei e nas de São Francisco de Assis, ouropretana e são-joanense.

Ressalvado esse cuidado, tem-se como trabalho mais antigo de Antônio Francisco o chafariz lateral do Palácio dos Governadores, obra arrematada por seu pai em 1752. Até o início da década de 1760, também lhe são atribuídos outros riscos e execuções de chafarizes, imagens e retábulos: contratados, provavelmente, por empreiteiros já reconhecidos, entre eles, Manoel Francisco Lisboa. O seu provável ensaio pioneiro fora feito com apenas 17 anos de idade, na Matriz de N. Sra. da Conceição de Catas Altas.

Porém, entre 1761 e 66, sob a orientação do mestre Coelho Noronha, o jovem estreou praticamente como entalhador de retábulos e escultor de imagem na Matriz de N. Sra. do Bonsucesso da Vila da Rainha (Caeté). E, quase ao mesmo tempo, como arquiteto na Matriz de São João Batista do Morro Grande (hoje, Barão de Cocais). Ali, esculpiu a imagem do padroeiro e ousou o risco de fachada com torres recuadas, portada e frontão diferenciados.

Ainda na década de 1760, teria desenhado e realizado as portadas da Igreja do Senhor Bom Jesus, em Vila Rica, e da Matriz de Congonhas do Campo; e modificado o risco feito pelo mestre Tiago Moreira para a Igreja de N. Sra. do Carmo, de Sabará, onde voltaria a trabalhar várias vezes até o início da década de 1780. O mestre não parou de ousar. No painel das almas do purgatório no frontispício da Igreja do Senhor Bom Jesus, em Vila Rica, esculpiu frades em meio a pecadores, e nus femininos e masculinos mostrados com sensualismo, mas sem conotação pecaminosa.

Aos 28 anos de idade, sempre ligado mais na arte do que na técnica, aprimorava a primeira com o domínio da segunda. Falecido o pai em 1767, se tornou o seu sucessor incontestemente na arquitetura. A partir dos 30 anos, cada vez mais solicitado, atuou como perito, arquiteto desenhista, entalhador ou escultor em inúmeras obras: Matriz de Rio Pomba; Igreja de São José de Vila Rica, em cuja irmandade, de católicos pardos, ingressou em 1772; Igreja de N. Sra. das Mercês e Perdões, também de Ouro Preto, e para a qual, já doente, em 1777, precisou ser transportado por dois escravos, pagos por isso com meia oitava de ouro.

Ainda nos Anos 1770, inspirado nos medalhões cariocas copiados de Portugal, o genial mineiro combinou as figuras em relevo com as cartelas, nas portadas do Carmo, de São João del-Rei; e das igrejas franciscanas ouropretana e são-joanense. Os medalhões e as cartelas embaixo deles ficaram bem ao gosto brasileiro: exuberantes, com muitos detalhes, mas com *“tratamento delicado e gracioso”*, pontua Vasconcellos, ao contrastar tais portadas com a severidade e rigidez das importadas de Portugal.

Ao que tudo indica, o artista não projetou edificações. Foi, no entanto, insuperável na arquitetura de ornamentação: conceito da arquitetura antiga, com o qual o professor Sylvio de Vasconcellos classifica o extraordinário nome do barroco rococó. Aleijadinho elevou à categoria de pura arte a integração dos ornamentos com a construção. Alcançaram *“um grau máximo de movimento e, ao mesmo tempo, de unidade de composição”* – frisou em palestra, certa ocasião, o arquiteto Augusto Carlos da Silva Telles.

O gênio da arte colonial mineira chegou à maturidade, mais seguro e bem sucedido, mas também mais grave e inquieto. O espírito jovial renascentista e depois iluminista se substituiu nele por crescente pessimismo e inclinação à dramaticidade. Suas obras na Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, marcam a mudança, que aparece, por exemplo, no medalhão

da fachada. Como explica ainda Sylvio de Vasconcelos em *Vida e obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*, a figura de São Francisco de Assis de Monte Alverne, recebendo os estigmas das chagas de Cristo, transmite a humilde conformidade com o sofrimento. Já nos relevos gravados nos púlpitos do templo, a cena de Jesus na barca pregando aos seus seguidores traduz a dúvida dos discípulos com a fé; e o dramático afogamento de Jonas, a provação do Profeta.

De 1777, quando lhe manifestou a enfermidade, até 1809, Aleijadinho não parou de produzir, sozinho ou com auxiliares. Passou a trabalhar muito em diferentes lugares de Minas, num *“sentimento de premonição da precariedade do tempo de que dispunha diante da obra a realizar (...)”*, escreveu Myriam Andrade. Destacam-se entre suas obras as imagens para a igreja ouropretana de N. Sra. das Mercês e Perdões; e os riscos e execução de balaustradas, púlpitos, anjos, coros, retábulos, imagens, anjos de andor, guarda-pó, camarins, portas e catafalcos espalhadas, dentre outras, nas igrejas de N. Sra. do Carmo, de Sabará e de Vila Rica; na matriz de N. Sra. do Pilar, também em Ouro Preto; Câmara de Mariana; no Solar de Jacinto Dias (atual sede da Prefeitura de Sabará), e na matriz de Jaguará.

“Aleijadinho elevou à categoria de pura arte a integração dos ornamentos com a construção. Alcançaram ‘um grau máximo de movimento e, ao mesmo tempo, de unidade de composição’.”

Sufrimento e arte

De 1777 até a *grand finale* no Santuário de Congonhas e a sua morte em 1814, deixou ao longo do caminho do seu calvário duas excepcionais obras primas. A primeira, a Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto. A segunda, as imagens dos Passos da Paixão e as esculturas dos 12 Profetas do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas, hoje Basílica Menor.

A portada da São Francisco ouropretana é a mais requintada de Minas Gerais, com seu belíssimo medalhão figurativo. Para a igreja, Aleijadinho esculpiu também o esplêndido lavatório, doado pelos sacristãos da igreja; o retábulo da capela-mor; e o altar-mor, desenhado por ele em 1778 e feito entre 1790 e 94. Em resumo, o mais rico acervo da arte rococó mineira, complementado magistralmente pelas pinturas de Manoel da Costa Ataíde. No templo, é também perfeita a integração entre a decoração do retábulo e a arquitetura da construção.

Em Congonhas, no auge da criatividade de sentido dramático, expressou, ao que tudo indica, a angústia face à morte que se aproximava e à repressão da Conjuração Mineira, que levou ao possível suicídio o seu amigo, poeta Cláudio Manoel da Costa. O gênio trabalhou durante mais de onze anos, incluindo peças avulsas.

Entre 1796 e 1799 esculpiu e/ou orientou a lavra de 66 figuras em madeira que, alguns anos depois, formaram as cenas da Santa Ceia, do Horto das Oliveiras, da Prisão de Cristo; da Paixão, Flagelação e Coroação de Espinhos; da Cruz às Costas (Caminho do Calvário) e, por fim, a da Crucificação, representadas nas seis capelinhas dos Passos da Paixão. Em contraste com a beleza e perfeição das imagens de Cristo, feitas pelo artista, a grande maioria das demais foi entregue, intencionalmente, a auxiliares e, praticamente caricaturais, transmitem a torpeza dos soldados romanos e as fraquezas dos apóstolos.

Por sua vez, entre 1800 e 1805, ele esculpiu em pedrasabão os 12 Profetas – Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Jonas, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Naum, Habacuc e Baruch – e os dispôs na escadaria e no adro do Santuário. O seu domínio da escultura e do desenho arquitetônico o levou a conceber e criar os 12 Profetas para o espaço aberto da escadaria e adro do santuário: algo que nunca se tinha feito no Brasil. Até hoje, estão expostas ao ar livre essas esculturas de alto valor artístico e histórico. Vêm sendo deterioradas por intempéries, vândalos e também por fiéis devotos, enquanto em Florença a estátua de Davi, esculpida por Michelangelo, tem a réplica na praça pública e o original preservado dentro do museu.

Germain Bazin considera o Santuário de Congonhas o mais importante conjunto barroco do mundo: condição que o classificou como Patrimônio Mundial da Humanidade, pela Unesco. Entre a conclusão da obra de São Francisco em 1794 e a do Santuário em 1805, a arte de Aleijadinho evoluiu à medida do seu crescente pessimismo com as próprias pobreza e doença, e com a situação de Minas. A historiadora Myriam Andrade compara: em vez do realismo perfeito das esculturas anteriores, como as de São Simão Stock e São João da Cruz, feitas antes de 1779, as figuras dos Passos e os Profetas foram esculpidas com economia de movimentos e talhes, e, por isso, mais impactantes e dramáticas.

Concluída a sua mais famosa obra, Aleijadinho teve tempo e ânimo apenas para alguns serviços mais. De Congonhas, retorna à sua Vila Rica por volta de 1807 e entalha novas peças para a Igreja do Carmo. Na frontaria de dois retábulos, esculpiu

dois últimos e belos medalhões em baixo relevo, com as figuras de Jeremias e Jó em cena trágica, conforme a temática do Velho Testamento que retratará nos irados, imprecativos e apocalípticos Profetas de Congonhas.

Três anos mais tarde, parte para a sua última obra importante, fora de Vila Rica: projetou a fachada e a balastrada da Matriz de Santo Antônio, em São José del-Rei (hoje, Tiradentes). Mas ali praticamente reproduziu e simplificou os riscos das fachadas das igrejas de N. Sra. do Carmo, de Sabará, e de São Francisco de Assis, de São João del-Rei.

Por fim, volta definitivamente à Vila Rica, e se instala na “Casa da Fábrica”, ao lado do Carmo, onde, a partir de 1812, o seu antigo auxiliar Justino Ferreira de Andrade se encarregou de entalhar os púlpitos e dois altares laterais da nave. Da Casa da Fábrica, só saiu para ir morar, os seus dois últimos anos de vida, com a nora Joana Lopes em sua humilde casa, perto da Matriz de Antônio Dias, onde veio a ser sepultado.

Um gênio genuinamente brasileiro

Duzentos anos depois, a genialidade do mestre do barroco mineiro pode ser reconhecida também em vários testemunhos de credibilidade. O 2º Vereador de Mariana, Joaquim José da Silva, cognomina Antônio Francisco Lisboa “o novo Praxíteles”, célebre escultor da Grécia Antiga, e o considera “superior a tudo e singular” nas esculturas, relevos, desenhos e ornatos. Germain Bazin chama atenção em Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil para o fato de que a arte sacra brasileira, inicialmente limitada a retábulos e imagens feitas por santeiros, ganhou com Aleijadinho uma “escultura monumental própria” que superou até mesmo a de Portugal.

Myriam Andrade, em *Aleijadinho – Passos e Profetas*, vê o gênio nas figuras de Cristo presentes nos Passos da Paixão, que “se situam, sem dúvida, entre as mais expressivas já produzidas pela arte ocidental cristã”. Igual avaliação faz da beleza dos Profetas e do seu singular posicionamento no santuário, como atores de uma coreografia teatral típica do barroco.

Rudolf Armim Freudenfeld, em *O Aleijadinho: o Mestre Antônio Francisco*, lembra: “Quase inconscientemente é a obra do Aleijadinho o primeiro grito pela libertação da arte no Brasil (...) rompendo com os cânones tradicionais que vinham de fora”. E no ensaio *O Aleijadinho*, publicado no livro *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*, o célebre escritor modernista Mário de Andrade ressalta que o relevante valor estético da arte de Antônio Francisco “vai além das lições barrocas que presenciava (...)” e expressa a inquietação inconsciente da desigualdade da condição brasileira em face das “outras existências melhores de além-mar (...)”.

Para ele, a obra de Aleijadinho é genuinamente brasileira: “O Brasil deu nele o seu maior engenho artístico, eu creio. (...) Era, de todos, o único que se poderá dizer nacional, pela originalidade das suas soluções.”

“O Brasil deu nele o seu maior engenho artístico, eu creio. (...) Era, de todos, o único que se poderá dizer nacional, pela originalidade das suas soluções.”





Prelúdio de um encontro noturno: Aleijadinho e os modernistas

Daniel César Botto Collaço
Juiz da 3ª Vara Criminal de Uberaba

Um sinete tocava na escuridão – uma campainha metálica, desconhecida. Estava, ainda, sonolento, em meu sótão, na velha casa da rua Direita, em Ouro Preto. Havia acabado de dormir após as preces pelos meus antepassados e meus descendentes. Tateava, procurando o fósforo para acender a lamparina sobre a mesinha de cabeceira. Semicerrando os olhos para enxergar o que me cercava pude localizar a enorme janela de imbuia, que dava para a rua calçada por rejuntados blocos de pedra. Os lampiões que guarneciam as vias já estavam apagados, julgando eu ser adiantado horário da madrugada. As densas neblinas oriundas das serras de Ouro Preto plasmavam como um manto celestial, deixando à vista apenas silhuetas. O orvalho, com odor penetrante de ervas rupestres, descia sobre a mansa terra, como um acalanto divino ao solo sagrado de Vila Rica. Sua brisa trazia um frescor inigualável. Mas quem deveria estar alardeando a sua presença com três toques de sinete, àquela hora?

Olhando pela janela pude ver que, lentamente, a névoa começou a dissipar-se, e o vulto de uma pessoa começava a se revelar. Pude notar a presença de um homem vestindo trajas rústicas de meados de 1700, com suas mãos e seus pés envoltos em ataduras molhadas pelo suor, onde ainda deixavam transparecer resíduos de poeira e pequenos fragmentos de pedra. Em uma das mãos, estavam o cinzel e o malhete. Pela estatura baixa e o corpo cheio e mal configurado, abri, em meu espírito, um largo sorriso, pois sabia de quem se tratava. Ele, Antônio, que também sorriu para mim. Meio zozzo, fechei a janela e fui até o meu armário de mogno, com cheiro de madeira verde, e peguei dois copos e uma moringa de água. Coloquei-a lentamente em uma mesa de apoio, defronte a minha cama, sobre uma maravilhosa toalha de renda portuguesa. O sono foi me tomando por completo, até que, em minha cama, deitei-me para a busca do repouso da alma. Após alguns minutos, escuto o ranger da pesada porta se abrindo. Sinto o odor do suor de meu eterno amigo, pelo visto passou mais uma noite trabalhando em suas obras de arte, esculpindo-as. Meu irmão? – disse uma voz forte, de homem. Espero não tê-lo acordado. Encontro-me inquieto, as dores só tem aumentado e minhas chagas continuam se desenvolvendo. Não há panaceia que as cure.

Achava-o diferente de outras pessoas que conhecia e convivia, pois Antônio era pardo-escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o gênio agastado: a estatura era baixa, o corpo peculiar, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabelo preto e anelado, o pelo da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e algum tanto pontiagudo, os beiços grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto.

Pensei em pedir que ele velasse o meu sono, pois estava muito cansado e havia três dias que não dormia, pois estudava

livros sobre pinturas e simbologia religiosa para aplacar o meu espírito aficionado pela sublime arte real. Ele percebeu e baixou a voz, e eu, descabelado e exausto afundei minha cabeça, no espesso travesseiro, quase dormindo. Foi neste momento que pude, ainda, ouvir Aleijadinho dizer: *“É por isso que estou aqui, pois o seu espírito está perturbado e não encontra a paz, é preciso exercitar, intensamente, o perdão. Geralmente, as pessoas não têm a humildade em reconhecer as diferenças. Por isso vivemos em um meio que nos tornou egoístas e crédulos de que somos melhores que outros. E assim o mundo vai se igualando pelos defeitos e não pelas qualidades. A capacidade perturba o espírito bruto – Por vezes, quando estou esculpindo, sinto-me um verdadeiro desbastador da pedra bruta, um lapidário do espírito, e somente assim consigo encontrar a paz. Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente. Dorme meu irmão, pois velarei teu sono.”*

Ele continuava sentado ao pé de minha cama, tomando a água que eu havia deixado para saciar a sua sede, pois sabia que a mesma vinha da Serra da Canastra.

O amanhecer trouxe a penetração de finos raios de sol sobre o telhado do sótão, o qual precisava de alguns reparos e o transitar dos pombos no teto e das pessoas pela rua voltou a romper o silêncio, enquanto que Aleijadinho, recostado à coluna de madeira manifestou-se com um resmungo.

Deixei-o como estava, pois sabia que se sentia frustrado com sua doença que causava também chagas em seu corpo, sendo que trabalhava na maior parte do tempo, durante a noite, ou quando preciso, durante o dia, em baixo de um toldo. Mas, mesmo com a grave doença, nunca parou de desbastar a pedra bruta.

Já era Semana Santa e, como de costume, gostava de pegar a minha prancheta de mão, bastões de cera coloridos e gravetos de carvões, para rascunhar a diversidade de cores dos casarões e das montanhas.

Como de costume, saí de minha casa e pela Rua Direita, fui subindo até a gráfica São Francisco, onde Eleotério preparava, sob encomenda, um vigoroso papel de algodão de 400 gramas, como suporte de minhas mal traçadas curvas e linhas das belas montanhas da serra. Ao chegar, os papéis já estavam expostos para venda, fato que me causou estranheza, mas pensei comigo mesmo, Eleotério deve ter expandido a sua produção e venda dos excelentes papéis. Como de costume, pedi para que fosse anotado em minha extensa conta. Um jovem polaco lançou sob minha assinatura a data de abril de 1924, grafando Ouro Preto.

Como estava sonolento e com o objetivo de subir até a montanha onde estava o pico de Itacolomi, com mais de 1.700 metros de altura, nem considerei qualquer fato que me distraísse de tão empolgante empreitada, com ar místico e exuberante cenário.

“Eu? Perguntei a ela.
Sou um pobre
vassalo de espírito
inquieta, que vaga
pelas montanhas
de Ouro Preto.”

Conferia, cabisbaixo, o material de trabalho, caminhando em apressados passos largos, quando, de inopino, trombei com uma elegante mulher, que estava acompanhada de três pessoas, as quais saíam de uma noitada na taberna do Hotel Tóffolo, que pessoas de fino trato sempre frequentavam, em busca de suas boas hospedagens, iguarias gastronômicas, vinhos e boa música. – *Perdoe-me minha senhora por ter derrubado os seus papéis.* Pus-me a recolhê-los imediatamente, e pedindo infinitamente perdão pelo meu jeito desajustado de andar na rua. A jovem, maravilhosamente educada, não fez a mínima questão, enquanto eu continuava a correr em busca dos papéis dispersos pela fresca rajada de vento do amanhecer. – *Nossa! Exclamei eu em voz alta, que lindos desenhos de Ouro Preto!* Ela me olhou com um lindo sorriso desconcertante e disse: “*Pelo visto sua percepção artística é mais aguçada que a sua atenção ao andar pelas ruas.*” Eu, inebriado pelo perfume, de aroma nunca dantes sentido, fiquei enrubescido, fato notado instantaneamente pela doce mulher. *Desculpe-me, disse ela. Chamo-me Tarsila do Amaral e você? Eu?* Perguntei a ela. *Sou um pobre vassalo de espírito inquieto, que vaga pelas montanhas de Ouro Preto.* Todos riram e Tarsila se virou e disse: “*Oswald, bem que poderíamos convidá-lo a nos ciceronear em nossa estada, pois somente aqui na região conseguiremos captar o espírito da brasilidade e a simplicidade das cores que tanto buscamos.*” “*Porque não?*”, respondeu Oswald, tomando a liberdade de apresentar o grupo: “*Caro jovem, apresento-vos o poeta Mário de Andrade, a pintora Tarsila Amaral e o poeta suíço-francês Blaise Cendrars. Quanto a mim, sou o poeta Oswald de Andrade.*”

Meus olhos ficaram marejados por tamanha lisonja em estar com um grupo de artistas famosos de outros prados.

Combinamos de seguir caminhada a diversas partes da região. Percebia que os olhos dos quatro, com uma sede invejável de busca, procuravam registrar cada milímetro de detalhes sobre a geografia, os animais, as pessoas, os casarios, as cores e a alma do povo.

A célebre excursão para a cultura brasileira. Dela, resultaram: a Poesia Pau-Brasil, de Oswald, as cenas da estrada de ferro pintadas por Tarsila e o poema “*Noturno de Belo Horizonte*”, de Mário. “*Macunaíma*” e a Antropofagia decorrem do contato direto com as fontes genuínas que abasteceriam um novo entendimento da modernidade cultural do Brasil. O grupo flagrou uma nova imagem do Brasil e deu aos modernos a identidade pela qual ansiavam. Foram intensos os dias da Semana Santa de 1924.

Em minha mente, percebia que a identificação do grupo, com os ideais libertários da região era mais profundo do que se pudesse sentir de imediato. E sempre que estávamos sentados junto à mesa, um ou outro rascunhava um poeta, uma silhueta, uma paisagem, uma crônica.

Com uma curiosidade insuperável, estendia meu olhar para as belas aquarelas e nanquins que Tarsila elaborava no momento, sendo que Oswald e Mário pediram-me para que eu fizesse um esboço de uma pessoa da região. De imediato refleti, mas após me apoderar dos bastões coloridos de cera, passei a retratar, em meu imaginário, a mulata Narcisa, amásia de Aleijadinho, conforme a sua própria descrição, pois nunca tive a oportunidade de conhecê-la em nossos encontros.

Um silêncio descomunal pairou sobre a mesa onde estávamos sentados, no Hotel Tóffolo. O tilintar da madeira queimando na lareira tornou-se ensurdecedor. Oswald de Andrade olhou empalidecido para Mário de Andrade e o mesmo

olhou trêmulo para Tarsila do Amaral. O poeta suíço-francês Blaise Cendrars, baforando o seu charuto Partagas, perguntou: “*Em que lugar monsieur conheceu esta obra?*” Sem nada entender, respondi: “*Essa é a visão que tenho da Narcisa, amásia de um grande amigo*”. O silêncio persistiu por mais alguns instantes e foi quebrado por Tarsila do Amaral que, inconformada e assustada disse: “*Mas eu a pintei no ano passado, em 1923, e dei-lhe o nome de Negra, como poderia você, vivendo nestas montanhas, ter conhecimento, com detalhes, da obra?*” Nada disso, Tarsila, respondi, enquanto alguns buscam respostas no imaginável, a vida conspira a favor da transmutação do espírito. Aquilo que os artistas criam, são aperfeiçoamento de obras já criadas em outras épocas. Nada nos pertence na infinita dimensão do universo. Somos meros posseiros de dons que nos acompanham enquanto estamos vestidos da carne. A carne nos limita territorialmente. Do pó viemos e ao pó voltaremos, mas o espírito é do oriente eterno. A arte é a materialização de nossos sentimentos nobres. Logo percebi que sobre vocês pesa uma grande responsabilidade, a de modificar a forma de percepção dessa materialização cultural. Muito sofri em tentar mostrar o caminho de uma nova visão, e em virtude disso, paguei com a abdicação de um ideal e um dom de Deus, mas sei que os tempos difíceis virão e muitos recorrerão às suas lembranças e dirão: “*Ele estava entre nós, ele estava certo e nós o desprezamos*”. Assim é a vida, assim é a cultura dos incautos. Não se acanhem em confrontar os que são destituídos de uma visão horizontal, pois estes destituídos somente têm a visão vertical. Para cima, pensando que são deuses e para baixo, mirando, agoniados, o lugar onde terão a certeza da efemeridade da vida material.

Meio que reflexivos, aos devaneios de nossas conversas, todos continuaram a degustar o bom vinho que nos fora servido e escolhido por Blaise Cendrars. Comentavam sobre a limpidez, transparência, brilho, viscosidade, gás e cor, como grandes apreciadores e conhecedores, uma vez que tinham voltado recentemente da Europa, enquanto eu estava mais preocupado com o bom pão italiano onde fiz acomodar belas fatias de lombo suíno, servido à vontade no hotel.

Já pelas tantas, após muitas garrafas de vinho, o poeta Blaise Cendrars nos contou que o ano de 1923 foi de fundamental importância para Tarsila do Amaral. De volta à França, e na companhia do namorado Oswald de Andrade, foi estudar com o mestre do cubismo, Fernand Léger, e em seu ateliê concebeu uma de suas mais importantes obras: “*A Negra*”. Exalando forte influência de sua infância, em que conviveu de perto com pessoas como aquela retratada no quadro, Tarsila esboça, nessa hora, um princípio de revolta com o academicismo e, conseqüentemente, começa a imprimir um estilo mais pessoal ao seu trabalho. Léger a incentiva nesta jornada e “*A Negra*” é muito elogiada.

Cendrars conta que conheceu Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade ainda na França e, por intermédio dele, passaram a conviver com nomes como Picasso, Stravinsky e Brancusi, além dos brasileiros que já estavam lá, como Villa Lobos e Di Cavalcanti.

Orgulhoso, Cendrars conta que foi convidado pelo casal, em 1924, a conhecer o carnaval do Rio de Janeiro e em seguida já se dirigiram, na Semana Santa, para Ouro Preto. E, assim, a noite chegou e nós continuamos a conversar, até que em dado momento, Tarsila do Amaral perguntou onde eu residia, em Ouro Preto. Meio encabulado, e de forma modesta, diante do quilate dos valorosos personagens da cultura brasileira, mencionei que residia de favor, em um sótão de um velho casarão, na Rua Direita.

“Nada nos pertence
na infinita dimensão
do universo.
Somos meros
posseiros de
dons que nos
acompanham
enquanto estamos
vestidos da carne.”

Tarsila, como sempre a primeira a ter ideias mirabolantes e inovadoras, falou para o grupo: *“Porque não vamos todos para o sótão, passar a noite, quem sabe, poderemos nos deparar com inspirações que nos farão crescer em criatividade e experiências!”*

Fiquei, novamente, desconcertado e disse: *“Meus caros amigos, nada tenho a lhes oferecer. O pão já está passado, o vinho já não se faz mais presente há muito tempo. Posso servir-lhes apenas a mais pura água da Serra, pois vivo de caridade, e acredito que a mesma refrigera a nossa alma.”*

Oswald olhou para o garçom e disse, em voz impositiva: *“Amigo, prepare vários pães com lombo e várias garrafas de vinho, pois ainda hoje acompanharemos nosso amigo e passaremos a noite em sua companhia, escrevendo, compondo e desenhando. Não se esqueça do litro de azeite do Porto.”*

Após os preparativos, cortando o denso nevoeiro, caminhamos algumas quadras e descemos a Rua Direita, rumo ao sótão em que eu vivia, e com diversas histórias, conversas soltas, muito riso, chegamos ao casarão.

“Linda, magnífica a paisagem daqui”, explode Tarsila, em tom de êxtase e alegria, observando cada detalhe das construções, da linha férrea e da névoa.

Todos subimos as escadas e ao chegar no sótão, após o ranger da pesada porta, entramos no escuro. Era necessário acender a lamparina e ainda algumas velas.

Os risos e cochichos eram inebriantes, e traziam para o local um clima de família, de amor fraternal. Blaise Cendrars se incumbiu de acender as velas e a lamparina, como bom bafo-rador de charutos.

Com a imersão gradativa da luz, na escuridão, uma silhueta humana se revela na cadeira, defronte à minha cama. Todos se assustam. Logo me recordo que Aleijadinho havia ficado em meu sótão, quando saí pela madrugada.

“Não se assustem meus amigos, apresento-vos o meu amigo, mestre Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho, amásio de Narcisa. Um homem justo e reconhecido escultor.”

“Inacreditável, disseram todos em coro, nunca passamos por tal experiência, logo em seguida passando a cumprimentá-lo.”

“Esperei muito por esse momento, meus amigos”, disse Aleijadinho, interrompendo o assomo de curiosidade que pairava no sótão. Em voz grave e pausada disse: *“O tempo longínquo que nos separa é o mesmo que nos une. Temos muito a conversar.”*

Como Aleijadinho trabalhou durante o período de transição do Barroco para o Rococó, tive a convicção de que estariam em plena sintonia, pois o Rococó, com a visão do mestre, estava diretamente correlacionado com a visão modernista em relação ao acadêmico. Todos eram revolucionários em suas interpretações artísticas. O Barroco, surgido na Europa no início do século XVII, foi um estilo de reação ao classicismo do Renascimento, cujas bases conceituais giravam em torno da simetria, da proporcionalidade, da contenção, da racionalidade e do equilíbrio formal. Assim, a estética barroca primou pela assimetria, pelo excesso, pela expressividade e pela irregularidade.

O Barroco no Brasil foi, destarte, um estilo movido principalmente pela inspiração religiosa, mas, ao mesmo tempo, de enorme ênfase na sensorialidade e na riqueza dos materiais e formas, num acordo tácito e ambíguo entre glória espiritual e êxtase carnal. Este pacto, quando as condições permitiram, criou monumentos artísticos de enorme complexidade formal e riqueza plástica.

“O tempo longínquo
que nos separa é
o mesmo que nos
une. Temos muito
a conversar.”

Nenhum martírio vem por acaso, pensava eu, pois já com a doença, Aleijadinho começa a dar um tom mais expressionista às suas obras de arte. É deste período o conjunto de esculturas “*Os Passos da Paixão*” e “*Os Doze Profetas*”, da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas do Campo. O trabalho artístico, formado por 66 imagens religiosas esculpidas em madeira e 12 feitas em pedra-sabão, é considerado um dos mais importantes e representativos do barroco brasileiro.

Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Menotti del Picchia formavam o Grupo dos Cinco que passou a agitar culturalmente a capital paulista, ou a Pauliceia Desvairada, título de um famoso poema de Mário de Andrade, na famosa Semana da Arte Moderna.

Entendi que a reunião que ocorria naquele momento, era a verdadeira sinfonia de duas frutuosas épocas revolucionárias da arte brasileira.

As velas se consumiram assim como o tempo que nos regrava e nos angustiava. Como os felizes instantes são cruéis, pensava eu. Se eram desagradáveis, pereciam em uma eternidade incomensurável. Mas, como eram bons, consumiam-se como a velocidade do fogo a queimar o pavio que nos iluminava.

Queria que tudo aquilo continuasse infinitamente, o pão, o vinho, a água e os ilustres visitantes em meu sótão.

Os pombos residentes no teto do sótão já ensaiavam os primeiros movimentos, buscando em suas brancas penugens peitorais, pequenos cisos. O sol envolvente, com seus raios, voltava a penetrar nas frestas do telhado. Podíamos sentir um orvalho reconfortantemente úmido. Respiro fundo e sinto o odor da aurora.

Todos já dormiam e, quando abri meus olhos, não pude ver mais ninguém no sótão. Corri até a janela e no meio do nevoeiro, ainda denso, pude ver todos indo embora. Tarsila chegou a olhar para trás e pouco antes de sumir, gentilmente acenou para mim, como símbolo de um eterno adeus.

Restou-me fechar a janela, reunir as garrafas de vinho e repartir as migalhas dos pães com os pombos brancos de meu sótão. Testemunhas únicas daquele sublime momento.

É sabido que os poetas Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a pintora Tarsila Amaral e o poeta suíço-francês Blaise Cendrars visitaram Ouro Preto e diversas outras cidades históricas, buscando as raízes da arte brasileira. Conquistaram, nessa viagem cheia de emoção, novas dimensões para as propostas com que revolucionavam a cultura do País. O barroco abraçador e a genialidade do Aleijadinho deram uma guinada na obra dos principais modernistas.

Minas Gerais, como berço fecundo da mais profunda brasilidade e cultura, deu o seu quinhão, mais uma vez, na formação de um dos mais importantes movimentos de inovação na forma de ver, sentir e experimentar os frutos de uma raiz bem nutrida, pois a liberdade vem, ainda que tardia.

Agora, por fim, entendia o verdadeiro significado do Rococó e do Modernismo. Como os murmúrios de espírito na escuridão, palavras esquecidas ecoaram.

“O barroco
abrasileirado e a
genialidade do
Aleijadinho deram
uma guinada na obra
dos principais
modernistas.”

Referência Bibliográfica

- Chartier, Charles. *Apresentação: Ceci n'est pas une biographie* IN Grammont, Guiomar de. *Aleijadinho e o aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói colonial*. Record, 2008. pp. 13-15
- Martins, Judite. *Apontamentos para a bibliografia referente a Antônio Francisco Lisboa*. IN *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1939. N.º 3, p. 179
- Bretas, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Disponível no site Starnews 2001
- Rocha, Vânia Leite. Iepha/MG apresenta: *O Retrato Oficial de "Aleijadinho"*. Instituto do Patrimônio Histórico de Minas Gerais, 08.10.09
- Prado, Adriana. *O mistério de Aleijadinho*. IN *IstoÉ online*, Edição 2035, 5 de Nov. Atualizado em 02.Jul.10.
- Saturni, Maria Eugênia. *Catálogo 'Raisonné' de Tarsila do Amaral - 3 Volumes*. Editora Base7
- Gotlib, Nadia Battella. *Tarsila do Amaral a Modernista*. Editora Senac, SP
- Brandini, Laura Taddei. *Crônicas e Outros Escritos de Tarsila do Amaral*. Editora Unicamp
- Santos, Ângelo Oswaldo de Araújo, jornalista, escritor e ex-prefeito de Ouro Preto. Entrevista.
- Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. Editora José Olympio



Com a publicação desta crônica, **MagisCultura Mineira** inaugura uma nova seção, a do **Magistrado Convidado**, que acolherá a cada edição textos de desembargadores ou juízes de outros Estados brasileiros. Os interessados poderão enviar seus trabalhos para apreciação do Conselho Editorial, conforme normas e endereço constantes da terceira capa.

Pelos fóruns da vida

Francisco Jaime Medeiros Neto

Juiz de Direito titular da 4ª Vara da Infância e Juventude de Fortaleza (CE).

Mestre em Direito pela UFC, doutorando em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidad del Museo Social Argentino.

Há dias menos tristes que outros na rotina de um Fórum, mas não há dias felizes.

Quem conhece o cotidiano forense, bem sabe do que estou a falar.

Difícilmente alguém abrirá a porta de um juiz ou promotor trazendo consigo um sorriso, nem mesmo aqueles amarelados que estampam o mundo, escondendo em suas efigies as preocupações fastidiosas amealhadas pelo pessimismo incôndito.

Parece aquela canção do Taiguara: *“Só encontro/ Gente amarga mergulhada no passado/ Procurando repartir seu mundo errado...”*.

E como tem gente com problemas nesse lado triste do mundo. Os corredores do Fórum retratam bem essa realidade, engolindo os semblantes ávidos de respostas às preocupações e golfando demora e incertezas nas soluções dos litígios.

Mães aflitas buscam livrar do cárcere seus filhos, cujo manto do amor materno jamais as farão enxergar neles a imagem de um bandido. Casais disfarçam as lágrimas acorrentadas a nós na garganta, esperando a hora da assinatura em um papel qualquer, que lhes selará o último adeus, desobrigando-os da vida em comum, sob o olhar lastimoso e magoado dos pequeninos filhos (para os pais há filhos que não são pequeninos?). Credores palradores deslizam de um lado para outro em busca de desvelar o paradeiro de seus desaparecidos devedores. Posseiros desempossados clamam por sua reintegração à terra tomada. Pais buscam justiça para a filha, já não mais moça, cujo namorado *“lhe fez mal”*.

Passeiam pelos corredores do Fórum todos os odores do mundo; pernas que caminham incertas, mãos que o divórcio separam ... mãos que o casamento ou as algemas unem. Desfilam ali o anátema e o probo, a religiosa e a barregã, o certo e o errado.

Mais à frente, testemunhas esperam impacientes o início das audiências, onde poderão encenar a farsa previamente estudada e ensaiada, mas que, não raro, acabam em contradição e, por consequência, espetadas na impetuosa espada justiceira.

As horas correm aflitas num ritmo que os processos, e aqueles envolvidos a eles, não conseguem acompanhar. As horas se transformam em dias, os dias em meses, os meses em anos e as mesmas faces permanecem naqueles corredores, como se estivessem em estações de trem, incrédulas, esperando a composição ferroviária... o vagão da resposta que parece nunca chegar.

“Passeiam pelos
corredores do Fórum
todos os odores do
mundo [...] Desfilam
ali o anátema e o probo,
a religiosa e a barregã,
o certo e o errado.”

No Juizado da Infância e da Juventude, as mães invocam Chico Buarque para explicar o abandono da prole:

“Quando, seu moço, nasceu meu rebento / não era o momento dele rebentar / já foi nascendo com cara de fome / e eu não tinha nem nome pra lhe dar”.

E é o mesmo Chico que impõe um pouco de si para forjar a compreensão dessa realidade vivenciada cotidianamente por essa *“gente que vai em frente sem nem ter com quem contar”*, e nos fazendo indagar onde tiram tanta força, tanta esperança e tamanha fé. *“E aí me dá uma tristeza no meu peito / Feito um despeito de eu não ter como lutar / E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde... que vontade de chorar”*.

Apesar disso tudo, são inda os Fóruns catedrais improfanáveis dos fracos e oprimidos; albergue aconchegante para os humilhados; última instância dos desesperados, onde toda a espera, toda a desilusão e angústia é compensada pelo abraço vigoroso e reconfortante da Justiça.

Eu creio, pois.



Júlio Ribeiro e a polêmica naturalista

Matheus Jardim
Desembargador do TJMG

Dentre as mais polêmicas obras ficcionais brasileiras figura, inquestionavelmente, o romance *A Carne*, escrito no ano de 1888 por Júlio César Ribeiro Vaughan ou, simplesmente Júlio Ribeiro, como se fez conhecido nos meios literários autor o sabarense nascido em 10 de abril de 1845.

A narrativa, em sua singeleza, tem por personagem principal Lenita, criada pelo extremado pai Lopes Matoso em meio a diversificado acervo bibliográfico, no qual se contavam tomos das mais variadas ciências, já se direcionando a jovem, em tenra idade, aos estudos da filosofia, aritmética, álgebra, geometria e música. As propostas matrimoniais recusava-as Lenita de forma invariável, expondo ao perplexo pai razões de “filosofia genésica” a lhe afastarem temporariamente os anseios nupciais: ainda que se casasse com indivíduo dotado de nível intelectual inferior, o caráter hereditário de sua genialidade lhe proporcionaria a geração de filhos dotados de distinguível inteligência.

Sobrevindo-lhe de forma inesperada a orfandade, instalara-se Lenita em fazenda de propriedade de velho tutor de seu falecido pai, o já provector coronel Barbosa. Se as instâncias do velho aristocrata rural voltadas ao entretenimento da jovem revelaram-se inócuas, o repentino regresso de seu filho, Manuel Barbosa, alteraria todo o quadro circunstancial da trama, fazendo eclodir o autor, a partir de descrições de pungente relacionamento vivenciado pelo casal, carga de erotismo verdadeiramente desbordante dos padrões modelares da escrita vigente.

Manuel Barbosa, já à meia idade, divorciara-se da esposa com quem vivenciara união conjugal esmagadoramente prosaica, rendendo ensejo tal circunstâncias à deflagração de ferrenhas críticas à instituição matrimonial:

Tivera em tempo uma paixão que o levava à tolícea suprema do casamento, mas isso passara: tinha-se até divorciado da mulher com cujo gênio não tinha podido harmonizar. [...]

Para ele o casamento era uma instituição egoística, hipócrita, profundamente imoral, soberanamente estúpida... ela há de cair sim, mas com o tempo, com a mesma lentidão com que se formou, e não de chofre, como um relâmpago.

(*A Carne* - Texto Integral, Ed. Martin Claret, São Paulo, 2004).

Lenita, de sua vez, mesmo antes de se entregar ao ímpeto irreprimível da paixão avassaladora, perscrutava, curiosa, os açoitamentos de escravos, como a exhibir certa propensão sádica, mostrando-se por vezes encantada pelo primor anatômico da estátua postada em seu quarto, conhecida pelo nome de Gladiador Borghese, cujas inserções musculares compeliram-na a abraçar o bronze tornado homem em insólita imaginação.

Descobriria Lenita, ao final da trama, nos aposentos do amante, carta amorosa dirigida a senhorita identificada pelas iniciais M.L., decidindo-se, assim, a deixar a fazenda, desfeita a ilusão por anos urdida acerca de sua superioridade sobre as demais mulheres. Resoluta, casara-se a personagem, grávida, com o Dr. Mendes Maia na Capital da República. Ao explicar as forças motivacionais a levarem-na ao matrimônio, em carta propositadamente deixada por sobre o leito pecaminoso, fê-lo Lenita de forma artificiosa, referindo-se á impossibilidade de contraírem núpcias dada a condição de divorciado de seu amante, valendo-se, inclusive, da transcrição de máxima latina para justificar o extremado ato: *pater est is quem instae nuptiae demonstrant*. A paixão interrompida na plenitude de seu enlevo levava Manuel Barbosa a injetar em seu próprio braço solução química associada ao veneno curare, vindo a falecer, em expectativa angustiosa, ante gradual paralisação de cada membro do corpo.

Reduzir a obra a um amontoado de perversões, como o fizeram seus detratores, denota profundo desconhecimento do estilo literário no qual fora concebida. Dentre as características do Naturalismo, movimento literário iniciado na França com

“Reduzir a obra a um amontoado de perversões, como o fizeram seus detratores, denota profundo desconhecimento do estilo literário no qual fora concebida.”

“Célebre se tornou a polêmica estabelecida entre Júlio Ribeiro e o Padre Sena Freitas, tendo este escrito artigo intitulado *A Carniça*, no qual foram tecidas severas críticas à obra [...]. O romancista não deixou por menos, fazendo transbordar o fel da maledicência ao replicar as críticas e os comentários do clérigo através de uma série de artigos [...].”

Emile Zola, a quem fora dedicado o romance, figuram a caracterização psicológica das personagens, mediante análise de seus vícios e defeitos, bem assim a observação cientificista dos elementos natureza.

De fato, permeiam a narrativa verdadeiras lições de ornitologia e botânica, sendo descritas em pormenores as espécies de bem-te-vis e papagaios (psitacídeos) a habitarem as florestas paulistas, havendo enumerado o autor, em sua verve naturalista, os diversos tipos de bromélias e ameixeiras circundantes à propriedade rural. A morfologia geográfica da Serra da Cantareira, ladeada pela vertente norte da Serra do Cubatão, fora magnificamente retratada pelo autor, bem assim a vegetação arborescente a dominar a zona oeste do Estado, na qual “*as vinhas medram de forma assombrosa*”.

Pouco se conhece acerca da infância vivenciada pelo autor na histórica Sabará (MG). Em 1862, aos 18 anos, mudara-se para o Rio de Janeiro, ingressando na Escola Militar, transferindo-se para São Paulo três anos depois a fim de se dedicar ao magistério. Como filólogo e linguista, publicara Júlio Ribeiro, em 1881, a renomada *Gramática Portuguesa*, editada a partir de exame objetivo e imparcial da realidade idiomática. Republicano e abolicionista, dirigira o autor diversos periódicos, destacando-se dentre estes *O Sorocabano* (1870-1872), *A Procelária* (1887) e *O Debate* (1888), órgão republicano de São Paulo. Também de cunho anticlerical afigura-se o romance Padre Belchior de Pontes, de 1886, no qual, ao pretexto de narrar a vida do religioso que por 30 anos percorrera o interior paulista em missão de catequese, desferira o autor virulento ataque aos jesuítas.

Morto no dia 1º de novembro de 1890, na cidade de Santos (SP), aos 45 anos de idade, vencido pela tuberculose, tornara-se o autor o patrono da cadeira nº 24 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de seu fundador Garcia Redondo.

Célebre se tornou a polêmica estabelecida entre Júlio Ribeiro e o Padre Sena Freitas, tendo escrito o religioso no Diário Mercantil artigo intitulado *A Carne*, no qual tecera severas críticas à obra, cujo enredo, à ótica clerical, afigurava-se frouxo, inverossímil e incoerente, além de conter ideias libertárias sobre o amor livre e bissexual. O romancista não deixou por menos, fazendo transbordar o fel da maledicência ao replicar as críticas e os comentários do clérigo através de uma série de artigos intitulados *O Urubu Sena Freitas*, publicados no periódico Província de São Paulo em dezembro de 1888. Assim se exprimira o romancista numa de suas imprecisões:

Violada esta condição, invadidos meus domínios, atacada minha pessoa, o caso torna-se outro: eu arregaço-me, torno a aziar, atiro-me à besta, sujeito-a, cavalgo-a, faço-a virar à direita, à esquerda, depois, quando a vejo quebrada, mansa, de velhas murchas, desmonto e, com um pontapé mando-a às moscas do brejal.

Os textos originados deste embate foram posteriormente compilados pelo escritor Victor Caruso e publicados pelas edições Cultura Brasileira no ano de 1934, sob o título *Uma Polêmica Célebre*.

Ao fim da presente narrativa devo mencionar que, em atenta leitura ao compêndio *Omnibus – Uma História dos Transportes Coletivos em Belo Horizonte*, editado em 1996 pela Fundação João Pinheiro, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal, deparei-me, à página 123, com relação de objetos perdidos no interior de bonde em circulação na Capital do Estado no ano de 1940. Pois em meio a calças de brim branco, um par de sapatos de senhorita, um paletó de lã para criança e um pacote de cigarros, foram recolhidos, na mesma ocasião, uma Bíblia Sagrada e um exemplar do livro *A Carne*, de Júlio Ribeiro. Seria o fato a prova da reconciliação selada pelos desavindos – pároco e herege – nas insondáveis paragens do além?

“Seria o fato
a prova da
reconciliação selada
pelos desavindos –
pároco e herege –
nas insondáveis
paragens do além?”



Amores reais

Bruno Terra Dias
Juiz da 22ª Vara Cível de BH

Não era mais que uma noite de calor e insônia, como tantas que se repetem em certas fases da vida. A temperatura alta, um ar sufocante, mesmo com janelas abertas. As folhas lustrosas e imóveis do ficus denunciando que mesmo a brisa havia desistido de por ali passar. Entre vinho, livros e programas de televisão, nada consolava ou servia de chamariz ao sono. Uma, duas, três horas e a madrugada parecia consumir a seiva da cidade.

Sem anúncio ou previsão, como fosse visita desejável e costumeira, surgiu a dama de cabelos negros, afável, sem dissimulações, solícita a resolver o tédio e minha falta de inspiração para outra coisa que não fosse o sentimento de voluntário abandono do mundo. Um cão deitado em um canto da casa, um moinho carcomido e já há muito sem uso, o mato que entra e aos poucos corrompe paredes, portas e janelas. Cenas comuns para pessoas e lugares em desamparo, que imploram mudança, mesmo que pela lenta transformação ditada por bactérias e líquens. Ela, que renova a humanidade, se revelou, tendo muito a dizer, mas pouco mais que um breve momento para se deter em verificar se era entendida.

Com o raro tempo de quem ceifa para colher o que não plantou, mostrou-se triste por sua fama, por não haver praticamente quem a reconheça em sua beleza fractal, na recorrência de sua presença renovadora, na intensidade dos amores de amantes que se vão para além de suas vidas, povoando para a eternidade outras tantas de quem deles ouviu falar. Pediu, humilde, uma palavra em seu favor, mas que não fosse afetada de morbidade, tristeza, desencanto, nostalgia, depressão ou do que possa deslustrar sua autoestima.

Lembrei da história de Abelardo e Heloísa, do amor de Dante por Beatrice, do enlace de D. Pedro e Inês de Castro, da "lágrima no rosto da eternidade" derramada por Shah Jahan em memória da amada Mumtaz Mahal, dos mais belos versos de Tomás Antônio Gonzaga, dedicados a Maria Doroteia. Vieram à memória casais que superaram os limites da história e da geografia, tornando real, para tantos, nas mais diversas épocas, sociedades e lugares, a emoção do pertencimento à atemporalidade.

O professor que se apaixona, correspondido, pela aluna preferida, afrontando convenções e conveniências; o intelectual maduro que homenageia, com as mais belas páginas de religiosa adoração, aquela cuja lembrança é felicidade que conduz ao paraíso; o nobre lusitano que impõe o beijo à mão daquela que, mesmo vitimada pela suprema injustiça dos homens, ainda fazia pender seu coração; o imperador mongol que transpõe as fronteiras da realidade para o mito, em declaração universal, no idioma da arquitetura; o poeta que recebe de sua Marília a inspiração que o fez Dirceu. Todos vivem além de suas existências. Que seria de seus grandes amores, não fosse a trágica finitude de sua passagem terrena?

A celebrar o amor, em contas derramadas na sinceridade seca de olhos treinados a resistir, ela se foi. Como se foi, tornará, pelo mesmo amor que aos ancestrais os descendentes fará juntar.

“Ela, que renova a humanidade, se revelou, tendo muito a dizer, mas pouco mais que um breve momento para se deter em verificar se era entendida.”



Outonos

José Fernandes Filho
Desembargador aposentado

Não o inverno, de ventos e chuvas; nem o verão, que queima e abrasa. Nem mesmo a primavera, a sorrir, de flores e aromas, mas o outono, de fecundação e gestação da terra, estação que me comove e anima.

Queda de folhas para surgimento de outras; renascer da fauna e flora; milagre da continuação das espécies, vida revivida. Manhãs e tardes sem nuvens; temperatura suave, brisa de anjos, pôr do sol abraça o mundo.

É verdade que cada estação tem sua cor, cheiro e sabor. Todas nos marcam com sua penetrante singularidade. Ousadia e entusiasmo, traços do verão, bronzeador da pele e acicate dos sentidos; introspecção e meditação, confidentes do inverno; explosão de cores, cúmplices da primavera. Nada, porém, à semelhança do outono, a fabricar auroras e afugentar crepúsculos. Janela aberta, quase escancarada, serenidade aos olhos e medula, convite à simplicidade e ao silêncio.

Criação dos homens, navego no outono. Mergulho no ontem, sem remorso ou vergonha. Reinvento o hoje, sem pressa ou obstinação; diviso o amanhã, sem medo do depois. Cavaleiro do possível, de luzes e sombras, de túmulos e catedrais. Caminho sem pressa, até a undécima ou vigésima quinta hora, como queiram. Sempre cavaleiro do possível, a não se culpabilizar pelo impossível irrealizado. Nem herói, nem santo, apenas humano, de barro, sujeito a trincas e fissuras. Ainda assim, capaz de levantar-se, a cada queda.

No outono da vida, aceito-me, como sou, sem rendição a fatalismos, nem inércia aos desafios. Pequeno, recorro a David, capaz de manejar a funda. Não vejo além das aparências, mas cego não sou. Nem surdo, nem mudo, escuto muito e falo pouco.

De angústia, até de silencioso protesto, a derradeira fase da existência. Mãos vazias, confronto entre o vivido e o sonhado. Inquirição à consciência: vida em branco?

Foi ontem, véspera do dia das mães. Manhã de outono. Pacificado, cavalgou para o longe, sem deixar rastro ou endereço. O cavaleiro de ouro, que vimos – ele e eu – ao lado da cama de sua agonia, realmente estava selado, rédeas nas mãos do misterioso menino. Ao seu “*de acordo*”, rédeas agora em suas mãos, rasgou o infinito, o menino no colo do avô.

Oitenta e dois, vida longa. Último ano em hospitais. Luta ingrata: a estranha Senhora o espreitava. Os anteriores, disse bem seu filho, de testemunho e exemplo.

Destemido guerreiro contra a injustiça, onde ela se instalasse. Cidadania transbordante, homem público de verdade, magistério e vida profissional – ética viva para alunos, clientes e amigos. Trigal balançando ao vento, sua descendência, numerosa.

Trocamos confidências. Muitas. Só não me confidenciou que também elegera o outono para morrer. Sofrimento, grande; sem queixa, respeito a nós e sinal dos fortes.

Se depender de mim, continuaremos juntos, aqui ou no longe para onde foi. Montado no cavaleiro de ouro, privilégio dos pacificados, ou a pé, a remo ou a nado, prometo-lhe, Amorim, vou abraçá-lo, se possível em outono de luzes. Prometo-lhe mais: quando estiver chegando, você ouvirá, puxada pelo seu filho mais velho, a canção “*Disparada*”, homenagem recorrente de amigos.

Quando? Não sei. Tudo a depender de alguém que não vejo, mas que me vê, me desnuda e me julga. Alguém seu conhecido, e que o julgou, aprovando-o com louvor, a exemplo de seus mestres da Casa de Afonso Pena.

“Destemido
guerreiro contra
a injustiça, onde
ela se instalasse.
Cidadania
transbordante,
homem público
de verdade.”



Chesterton

Renato Zupo

Juíz da Vara Criminal e da Infância e Juventude de Araxá

Há verdades que não nasceram para ser faladas. Se falamos, fingem não ouvir. Quando ouvem, é para dizer que somos doidos. Ninguém nos presta atenção, o que não importa e é até bom, porque quando nos reparam, geralmente é para criticar e para dizer que não prestamos e que o que falamos é bobagem. Então, é melhor ser ignorado.

Tive um amigo que gostava de dizer que detestava gente. Tinha uma enorme mesa de sinuca em sua casa, daquelas oficiais, e um papagaio que funcionava como um cão de guarda: avançava em todas as visitas que não conhecia, bicando-lhes os tornozelos e falando, que é o nome que se dá aos sons que os papagaios fazem quando não estão imitando o que a gente diz.

Voltando ao meu amigo, era feio igual bater em mãe no dia das mães, gordo e com crateras de acne pelo rosto, além de uns óculos de fundo de garrafa e aro de tartaruga que já naquela nossa década de 1980 era antiquado e cafona. O nome dele não importa. Seu apelido era "Gordo Estúpido", e pegou tão bem pegado que ele já se apresentava para as pessoas assim: "*oi, muito prazer, eu sou o Gordo Estúpido*". É claro que isso não funcionava muito bem com as garotas, o que o fazia um dos caras menos populares da escola – algo com o que ele não se importava muito. Afinal de contas, detestava gente.

Jogamos muita sinuca em sua casa, ele me dando uma surra atrás da outra, eu tomando bicadas do seu papagaio cujo nome era Louro (criativo, não?). Aproveitávamos aquele tempo todo perdido para falar mal de nossos pais e criticar as meninas que não nos davam bola. As bonitas eram "galinhas", porque davam só para outros caras, geralmente marrentos, endinheirados e com carros bacanas. Já as meninas feias para nós eram as "chatas" – porque mulher feia tem que ao menos ser amiga de mulher bonita, e apresentá-la pra gente. Se não serve nem para isso, não deveria existir. Era um tempo gostoso de se viver, apesar de todos os inconvenientes que as nossas adolescências impopulares produziam. Não tínhamos problema com dinheiro, porque éramos filhos da classe média que, na época, não tinha com o que gastar. Os microcomputadores, celulares que fazem de tudo e cartões de crédito, isso só surgiria uns vinte anos depois. Era muito barato ser adolescente antes da virada do milênio. E era também bom ser solteiro e não se preocupar com esposas, hipotecas e filhos. A única escola com a qual nos preocupávamos era a nossa – ela era um palco de filme de terror, em que pululavam notas baixas, em que brigávamos todos os dias e geralmente apanhávamos, em que éramos a piada pronta da sala de aula.

Nunca era bom ir à escola. Não era agradável ser o diferente da turma e ter que suportar a implicância de outros alunos, quase sempre mais fortes que você. As meninas te ignoravam ou te olhavam com pena, exceto as feias, mas essas eu já disse que não importavam. Quando saía com o Gordo Estúpido, geralmente íamos para umas lojas de discos de rock

que havia no centro da cidade, ou em cinemas, ou em bares com música ao vivo em que os garçons geralmente não se importavam em vender cerveja para quem ainda não tinha barba na cara. Naquela época havia muito mais moralismo do que hoje, mas as coisas eram menos proibidas. Um rapaz de dezesseis anos conseguia tomar um porre em um bar, dirigir bêbado, ir a um motel, comprar cigarros e ir na zona. Claro, se tivesse dinheiro e fosse popular, o que não era o nosso caso.

Numa dessas ocasiões, estávamos em um lugar especializado em rock, que vendia antigos LPs de vinil e fitas cassete das bandas mais modernas e pesadas que se tinha notícia, além de camisetas, pôsteres e tudo o que fosse ligado ao mundo roqueiro. Olhávamos e não comprávamos nada, algo natural para dois estudantes duros, "durango kid", como se dizia na minha época e na minha cidade. Havia por lá outros caras curtindo rock que colocavam fones de ouvido nas cabines da loja, que existiam para o cliente experimentar as músicas do disco antes de levá-lo para casa, e em uma dessas estava o Otoni, apelido e diminutivo de Otoniel, que era guitarrista de uma banda "famosa" da cidade. Ser famoso naquela época, no ramo da música, era ter dado uma meia dúzia de shows para uns cinquenta gatos pingados, ter aparecido em show de calouros da TV local, ou ter o nome citado no caderno B do jornal. Ou tudo ao mesmo tempo. Era o caso do Otoni. E era por isso que ele, feio, raquítico, baixinho e com um cabelo grande e emaranhado que parecia um ninho de guaxinim, pegava tudo quanto era mulher que aparecia na sua frente.

– *E aí, caras?* – ele nos falou, quando saiu de uma das cabines.

Otoni era um cara bacana. Não se importava de conversar com os derrotados e nerds, e distribuía simpatia a todos. Acho que era também por esse motivo que fazia tanto sucesso com as damas. E ele estava alegre naquele dia. Sua banda, Pus Sanguinolento, tinha acabado de fechar contrato com uma gravadora para emplacar duas músicas em uma coletânea de rock mineiro. Até então, seu conjunto só era conhecido no circuito alternativo dos DCE's, bares e shows em pracinhas e coretos. Respondemos a ele que estava tudo ok e perguntamos da nova música do grupo, da qual todos os entendidos de rock – umas duas dúzias de cabeludos que frequentavam aquele local – estavam falando muito bem. Aquilo animou mais ainda o Otoni, que era capaz de passar noites em claro conversando sobre música e shows. Ele destrambelhou a falar do disco, da música, e de como a sua banda estava se preparando para tocar fora do estado, em um festival que iria acontecer dali a algumas semanas.

Saímos da loja os três, para tomar um ar e continuar a prosa. Gordo Estúpido, que tinha muitos discos de rock e de música clássica (ele gostava dos dois, não me pergunte como), queria assistir um ensaio do conjunto do Otoni, mas ficava sem

“Então, ver o meu amigo interessado em uma conversa e se esquecendo por uns minutos de que detestava gente era para mim uma belíssima novidade, porque ao contrário dele eu gostava de interagir.”

jeito de pedir porque os outros colegas de banda dele não eram simpáticos da mesma forma e nos olhavam como dois extraterrestres saídos do Planeta Bunda Mole e caídos de paraquedas por aqui. Então, ver o meu amigo interessado em uma conversa e se esquecendo por uns minutos de que detestava gente era para mim uma belíssima novidade, porque ao contrário dele eu gostava de interagir. Me decepcionava com todo mundo, mas não conseguia ficar longe das pessoas. O Gordo conseguia se distanciar e era feliz assim, mas naquele dia o encontro e o papo com o Otoni, que era uma espécie de ídolo para nós, parecia animá-lo e devolvê-lo ao convívio de seus semelhantes.

Quando nos despedíamos, ele nos convidou para assistirmos ao ensaio de sua banda no sábado seguinte. Era a deixa que o Gordo queria, e confesso que também gostei. Nunca tinha estado em um ensaio musical antes, nunca tinha frequentado os bastidores do cotidiano de uma banda de rock, jamais tinha tido qualquer intimidade com aqueles caras, além de alguns breves cumprimentos quando nos encontrávamos casualmente em bares e lojas de disco, como ali. É claro que topamos o convite na hora.

O sábado custou a chegar, até porque era semana de provas e eu estava precisando de muitos pontos em matemática, que sempre foi o meu maior pavor. Ser aprovado no fim do ano e me preparar para um vestibular que eu ainda não sabia qual seria era, até então, um futuro mais longínquo que a extinção da Terra pelo superaquecimento do sol. De alguma forma, porém, dei conta do recado, fiz a prova, e no sábado me encontrei com o Gordo Estúpido no ponto de ônibus que havia próximo da casa dele. Iríamos de ônibus para perto do Mirante do Cristo, pois era ali que a banda Pus Sanguinolento ensaiava, em um bairro bacana, na casa do vocalista que era filho de um médico milionário e muito afamado. O Gordo era filho de um empresário da construção civil, e eu de um advogado classe média alta, mas no nosso tempo todo mundo pegava ônibus, que era mais rápido porque enfrentava menos tráfego, havia menos carros e quase nenhum assalto ou perigo no interior dos coletivos.

O Gordo não parava de falar durante o trajeto. Amaldiçoava o fato de não ter nascido com dom musical algum. Tentara tocar violão, mas as poucas aulas que tivera somente lhe serviram para encher de bolhas os dedos. Eu, de minha parte, contentava-me em cantar em falsete as músicas da moda embaixo do chuveiro. A banda do Otoni era boa, o vocalista era razoável e era na garagem da casa dele que iria acontecer o ensaio. Chegamos lá e nos deparamos com uma casa enorme, guardada por muros altos e, com certeza, pelo menos uns dois cachorros grandes e bravos daquelas raças criadas em laboratório por nazistas para cuidar dos judeus em campos de concentração. Os latidos deles, guturais e ferozes, nós ouvimos de longe enquanto éramos admitidos por uma governanta e encaminhados a uma espécie de pilotis onde funcionava a garagem e onde a bateria já estava montada, com um jovem negro terminando de acoplar os pratos e ton-tons.

O nome dele era Cézar, mas todos o chamavam de "Chegado". Crescera em uma favela e era filho de pai desconhecido. Alguns diziam que sua mãe era prostituta, outros que era viciada em drogas, outros ainda falavam que ela era dona de boca de fumo. É claro que ninguém falava isso com o Chegado. Além de grande e forte, era especialista em artes marciais, sujeito de pouquíssimos amigos, que só se aproximava dos

colegas de banda nos ensaios e shows ou se tivesse alguma briga combinada, que era outra diversão de sábado à noite para o submundo dos roqueiros urbanos daquela Belo Horizonte do meu tempo. Ele não nos cumprimentou, muito menos sua namorada que estava sentada mais adiante, em uma bancada de cimento ladeada por um suporte de parede repleto de ferramentas e que deveria servir para o dono da casa fazer pequenos consertos domésticos. Naquele dia, porém, era uma mini-arquibancada improvisada onde a namorada do Chegado, que depois eu descobri se chamar Débora, estava sentada. Permanecemos de pé, como dois de paus, sem graça e sem conversa, porque o casal sequer parecia ter notado nossa presença. Chegado estava entretido com a montagem de sua bateria, e acho que praticamente não nos viu. A moça nos deu uma profunda olhada, de alto a baixo, mas fechou a cara e nada disse.

Aquele gelo perdurou até a chegada do Otoni, que vinha com o dono da casa, ou filho do dono da casa, segundo a perspectiva que se queira utilizar. O nome dele era Irineu, mas todos o chamavam de Play, diminutivo de Playboy. Era um pouco mais novo que a gente, uns quatorze anos, lourinho e sardento, muito bem nascido e mais rico que o Gordo. Vestia-se com roupas coloridas e da moda e seu cabelo, conquanto longo, era escovado e bem aparado nas pontas. Não era aquela vassoura piaçava ensebada e para o alto, como o cabelo do Otoni. Porque tinha dinheiro e não usava o kit padrão do roqueiro, que era camisa preta, calça jeans e tênis-bota, começaram a chamá-lo de playboy, e daí para Play foi um passo. Ele dividia a turma: era meu colega de escola, e lá não conversávamos, até porque ele estudava em uma série anterior à minha, ele era uma espécie de calouro e eu já era um veterano tentando me formar desesperadamente no antigo segundo grau, não necessariamente para seguir uma vocação, mas para escapar de um monte de matérias chatas que, se Deus quisesse, eu nunca mais iria ver na vida tão logo me diplomasse. Fora do ambiente estudantil, o Play era menos espartano e mais acessível, mas mesmo assim jamais dera alguma moral para mim ou para o Gordo. Nós éramos os *nerds* para ele e para os outros. Não que, com isto, fôssemos os inimigos. Apenas éramos incompreensíveis para eles.

Otoni fez as apresentações. Estava sorridente como sempre e trazia uma lata de cerveja na mão. Dali a pouco a substituiria por sua guitarra, que já estava por lá em um tripé. Só então o baterista e a namorada nos cumprimentaram, mesmo assim como quem faz algum sacrifício sobre-humano, tanto que para nós seria melhor que continuassem a nos ignorar. Play nos cumprimentou de uma maneira quase profissional, por ser o dono da casa, apanhou um interfone e chamou a governanta, que desceu com um isopor lotado de gelo e com mais latinhas de cerveja, que começamos a bebericar, até mesmo o Play, que então só tinha uns quatorze anos. Bebia-se muito na minha juventude. Era como nos entrosávamos. Naquela época, vivia-se a vida, não nos preocupávamos em somente esticá-la até os cem anos, comendo rúcula e cortando as calorias do cardápio.

O último a chegar foi o baixista, o Gambá, típico garotão mimado criado pela avó em um apartamento de quarto e sala do centro da cidade. Era um pobretão bem cuidado, filho único e neto único. Muito embora de poucos recursos, sua família diminuta composta pela avó, que era empregada doméstica e viúva, e pela mãe, que vivia nos Estados Unidos lavando pratos, guardava tudo o que tinha para gastar com ele. Portanto, o rapaz

“Nós éramos os *nerds*
para ele e para os
outros. Não que,
com isto, fôssemos
os inimigos.
Apenas éramos
incompreensíveis
para eles.”

não era bem nascido, mas era bem tratado, conversava todos os assuntos, estudava em um colégio particular e recém chegara aos dezoito anos já frequentando a autoescola e vislumbrando a aquisição de um carrinho popular usado para o final do ano, tão logo ingressasse na faculdade. Gambá também falava em se casar, e chegou com a noiva, uma morena baixinha e com os cabelos cheios de miçangas hippies, que nos deu um belo sorriso e se sentou ao nosso lado. Ela se chamava Kátia e era muito mais simpática que a outra representante do sexo feminino presente ali. Nos conquistou logo e começou a conversar conosco enquanto o resto da banda se apurava para o ensaio, para o show.

Não pergunte por drogas. Elas não aconteciam naquele tempo como acontecem hoje. É claro que já existiam e eram populares em determinados grupos, mas seu uso ainda era considerado depressivo, baixo astral, coisa de perdedor. As pessoas legais fumavam cigarro e bebiam. Os caras com problemas se drogavam. E ali estavam caras querendo fazer sucesso, populares com as meninas, amigos dos amigos, mesmo o Chegado, que era meio barra pesada e vinha do morro. Simplesmente bebíamos cerveja e assistíamos, extasiados, o ensaio do Pus Sanguinolento. Não era um belo espetáculo musical. O som era amplificado direto nas caixas de som, sem mesa de canais, o pedal que distorcia a guitarra era improvisado, o local não tinha acústica alguma, não havia retorno e o som embolava. Mas para nós estava ótimo. Eu e Gordo Estúpido finalmente estávamos na turma. Tínhamos um grupo, uma tribo, não éramos mais os lobos solitários de outrora. E aquele ensaio tinha uma aura de exclusividade cativante, como se eles estivessem tocando para nós em um recital. A química entre público e artista diluía o gelo e aproximava. Ao final, mesmo os mais calados estavam falantes, Chegado fez uma ou duas piadas com o Gordo antes de dividir

“E aquele ensaio
tinha uma aura
de exclusividade
cativante, como
se eles estivessem
tocando para nós
em um recital.”

uma cerveja com ele, Play e Gambá começaram a ensaiar golpes de capoeira que eu aplaudia, rindo, enquanto Otoni conversava com as duas moças sobre uma terceira garota, conhecida deles e que tinha prometido comparecer e furado o compromisso.

No meio daquela confraternização toda, alguém teve a ideia de subir o Mirante do Cristo. Não sei se foi o Gambá ou o Otoni, mas todos aceitaram de pronto. Já entardecia e teríamos por obrigação ligar para nossa casa, nossos pais, e o Play chegou a disponibilizar o telefone da casa para quem quisesse avisar "aos velhos", mas já ofereceu com ar de troça, como que esperando o primeiro bundão aceitar seu convite ardiloso. É claro que ninguém quis dar o braço a torcer, ficando refém da gozação do restante. Todos precisávamos ligar, todos levaríamos bronca por não ligar, mas todos queríamos dar uma impressão de superioridade adulta. Então, ninguém aceitou.

– *Já que vamos subir o morro, precisamos fazer compras.* – Kátia parecia ser a mais prática de todos, lembrando-se que lá em cima sentiríamos fome e sede, no que já demonstrava uma preocupação tipicamente feminina e meio maternal.

– *Principalmente bebida.* – Era o Gambá. Naquela noite eu descobriria o motivo de seu apelido. Gambás são animais que têm um certo apreço por bebida alcoólica, e há quem lhes sirva cachaça para que bebam até morrer.

– *Temos grana?* – Otoni falava porque vivia duro. Mesmo quando tinha dinheiro dizia que não tinha. Enterro de anão, cabeça de bacalhau, ex-gay e o Otoni pagando conta, ninguém nunca tinha presenciado nada disso.

Contamos os caraminguás. Eu sempre tinha dinheiro suficiente para duas cervejas e o ônibus da ida e da volta. Meu pai sempre me dava pouco dinheiro. Nunca acontecia de me dar muito dinheiro ou dinheiro nenhum. A perfeição estava no equilíbrio, é o que ele gostava de dizer. Com a minha grana e o restante dos trocados que a turma tinha, fomos a um supermercado de bairro e compramos pão, refrigerante e

cachaça Chora Rita. Muita cachaça, muito refri, além de um queijo e repelente para espantar muriçocas. O Play e o Gordo Estúpido pagaram a maior parte. Íamos misturar as duas bebidas, para suavizar a descida da aguardente de péssima qualidade, quase álcool puro, e o pão e o queijo seriam o tira-gosto. Era o hábito de quem subia o Mirante do Cristo, no Alto das Mangabeiras, então ainda semideserto, caminho de minas abandonadas. Era isso ou tomar pinga com mel que era vendida em dois quiosques ao pé do morro a preços extorsivos. Tinha um dos barraqueiros que dava o preço absurdo. O freguês xingava espontaneamente: "puta que o pariu". Ele respondia: "com palavrão é mais caro", e cobrava o dobro. Muita gente já tinha brigado com ele por conta disso. Também não havia Procon pra isso naqueles inesquecíveis meados da década de 1980.

Com uns cobertores velhos que o Play descolou em casa, subimos o Mirante e já fomos bebendo, e muito. Minha experiência etílica aos dezesseis anos restringia-se a alguns porres homéricos que tomava nas férias na praia de Guarapari, cervejinhas na saída da escola pra mostrar pras meninas que já era quase adulto, e garrafões de vinho que bebia com o Gordo Estúpido em um ou dois acampamentos ou em um dia que alugamos vídeos VHS com toda a coleção do Carlitos e fomos lá pra casa assistir. Meu pai ficou uma fera, não pelos filmes, mas pelo porre que amarramos. Eu sempre tive o grave defeito de ficar bêbado com cara de bêbado – você nota que bebi pelo meu jeito imediatamente enluarado e pelo rubor nas faces e pela minha voz que alteia e consegue ser ouvida da esquina, mesmo quando tento sussurrar. Já o Gordo, talvez pelo peso e pelo tamanho, conseguia ficar bêbado com a mesma cara sorum-bática e bovina de sempre. Ele escondia bem quando estava de fogo.

Naquele dia ele amarrou aquele porre, inesquecível. Subimos o morro da antiga Serra do Curral, passamos por uma trilha de antigos mineiros, por uns dois maconheiros que desciam a montanha em sentido contrário, já "aplicados" e fedendo longe. Lá em cima se descortinava bonita a nossa cidade, tão bonita

“Lá em cima se descortinava bonita a nossa cidade, tão bonita que cem anos antes tinha inspirado seu próprio nome.”

que cem anos antes tinha inspirado seu próprio nome. Gordo já estava de pileque e estava animado conversando com Gambá e a noiva dele, Kátia. Ele apenas começava a demonstrar algum efeito diante das goladas enormes de pinga com refrigerante que virava goela abaixo. Sentamos para ver a Serra, já com aquele friozinho de agosto que era gostoso de sentir e nos fez enrodilharmos nos cobertores do Play, em boa hora trazidos.

Débora lembrou que seria uma boa ideia acender uma fogueira, e os homens saíram em busca de lenha, galhos e folhas secas, deixando as duas mulheres tentando improvisar um acampamento. Play ficou por lá, quase não saiu, demonstrava o tempo todo uma aristocracia que não combinava em absoluto com aquele programa tosco, fazendo questão de dizer que estava ali por causa "da galera". O gordo saltitava trôpego na mata, e tentou arrancar uma árvore viva pelo pé, caindo para trás, catando cavaco e se sujando todo. Naquela hora, pressenti que ele ainda iria dar muito trabalho naquela noite, mas não me importei muito até então porque estava entretido tentando buscar lenha, conseguindo algumas achas e gravetos. Quem pegou braçadas de lenha que trouxe depois de se engalfinhar mata adentro foi o Chegado, que demonstrou naquele dia que era um sujeito extremamente prático e pau pra toda obra em situações difíceis. Foi ele que trouxe a maior parte da lenha, fez e atizou o fogo, depois afiou uns espetos improvisados e deu a sugestão de fazermos churrasquinho de queijo semiderretido nas brasas da fogueira. Mais tarde, com a noite já caída, pegou galhos verdes de uma planta fedorenta e queimou para espantar os pernilongos que o repelente não conseguia expulsar de perto e que começavam a ficar zumbindo incomodamente em nossos ouvidos.

“Aquele estranho triângulo amoroso, agravado pela bebedeira do meu amigo, era para ter me preocupado mais.”

Junto com a gente, a cachaça também ia subindo morro acima. Estávamos bêbados e todo mundo tinha ficado muito legal, mesmo o Chegado e sua namorada metida a besta, a Débora, que de repente não estava mais tão pedante. Como o Gambá tinha virado auxiliar do Chegado na intendência daquele pequeno assentamento, deixou a Kátia meio na solidão. Ela interagia com o restante do grupo, mas quem acabou virando seu valete e lacaio foi o Gordo Estúpido, que afrouxara as calças sujas do tombo que havia tomado e tinha ficado falante de uma hora para outra. Não havia dúvida, ele havia se apaixonado por Kátia. O Gordo era um ser contraditório, taciturno como ele só, mas sempre com um amor platônico diferente a cada semana. Aquela era a vez de Kátia, que, no entanto, era namorada, mais que isso: era noiva, do Gambá, que graças a Deus não estava notando nada de errado naquela prosa toda dos dois, talvez porque ainda não conhecesse o Gordo Estúpido tão bem como eu.

Aquele estranho triângulo amoroso, agravado pela bebedeira do meu amigo, era para ter me preocupado mais. Passado o tempo, não deixo de me culpar pela minha omissão em interferir e apagar o fogo do Gordo, jogá-lo em um riacho que corria calminho atrás do nosso acampamento improvisado, ou simplesmente levá-lo embora. Mas foi naquela ora que o Otoni se levantou e começou a me contar como tinha sido seu último show, quando tinham entrado no palco com alguns cinturões de balas atravessados no peito à moda dos bandoleiros mexicanos de filmes de faroeste. Seu pai colecionava relíquias da Segunda Guerra, que seu avô havia lutado, e uma delas eram aqueles cinturões de bala de metralhadora que ele havia utilizado para aprimorar sua vestimenta de roqueiro para um show que iriam dar em um coreto de praça de bairro. É claro, dizia Otoni, que o show não se realizou. Alguém avisou a polícia do cinturão de balas portado por ele e duas viaturas da PM acabaram com a festa, espalharam o pequeno público, fecharam a quermesse e conduziram toda a banda detida para a Delegacia, onde tiveram que ligar para pais, advogados, pagar fiança etc..

Aos meus ouvidos juvenis aquela história soou interessantíssima, e eu ria a cada passagem engraçada, enquanto o Play, que estreava nos vocais da banda naquele dia, interrompia a história do Otoni com um parênteses dos mais engraçados: tinha tido uma diarreia nervosa dentro da Delegacia. Queria ir ao banheiro e os policiais não deixavam, achando que era lorota ou por maldade pura. Desesperado, ameaçou cagar ali mesmo, na sala de ocorrências ao lado do gabinete do Delegado. Só assim o deixaram ir ao banheiro, mas algemando-o antes.

– Já tentou cagar algemado? – ele me perguntou. – *Cara, não tente. Conselho de amigo: não tente.* – e todos ríamos.

Todos menos o Gordo Estúpido. Ele deve ter falado alguma coisa de impertinente com a Kátia, porque ela saiu de perto dele e se sentou acabrunhada ao lado do Gambá, como se a pedir proteção ao noivo. Ainda bem que ele nada entendeu, nem os demais integrantes da banda. Somente eu, que conhecia o Gordo, e Débora, que estava sóbria e era uma observadora por excelência, já tínhamos percebido o perigoso rastro de pólvora criado pelo meu amigo que, aliás, havia sumido tão logo Kátia o deixara falando sozinho e viera para junto dos demais à beira da fogueira.

Pensei em me levantar e procurar pelo Gordo, mas se isso fosse feito de maneira acintosa e logo após a debandada de Kátia, causaria muito mais prejuízo do que lucro. Gambá parecia um cara pacato, mas era parrudo e tinha cara de ser bom de

briga, além de demonstrar pela noiva um carinho exagerado. Deveria ser também ciumento, e não conhecia direito o Gordo, não teria porque segurar-lhe a barra ou engolir o desaforo. Não. O nervosismo da situação recuperara-me a sobriedade o suficiente para concluir que era mais prudente aguardar um pouco para, alegando que o Gordo tinha saído para fazer número um ou número dois, procurá-lo e trazê-lo de volta para o grupo de maneira tranquila e sem embaraçar mais ninguém.

Só que quem saiu para fazer número dois foi o Chegado, enquanto as piadas e a prosa corriam soltas à beira da fogueira. Ele já saiu dizendo que iria obrar, arrancando alguns risos e um muxoxo de Débora, que não aprovava aquelas indiscrições do namorado. Saiu, demorou o tempo que razoavelmente se demora para obrar no meio do mato e mais um pouco. E voltou aparvalhado:

– *Cara!* – apontou pra mim, mas falava para todos. – *Seu amigo está pelado na beira de um precipício, falando em pular de lá!*

Corremos todos para onde Chegado indicava. A cena, dantesca e ridícula, era aquela mesma narrada por ele. O Gordo Estúpido estava parado e pelado na beira do morro, com braços abertos como um Cristo Redentor, seu pingolim encolhido pelo frio, sua cabeça voltada para a lua e as estrelas. Tinha se dado ao trabalho de dobrar a roupa cuidadosamente aos pés, com os óculos de aro de tartaruga por cima, que tivera o carinho de tirar antes daquela travessura idiota. Olhamos para ele e eu falei alguma coisa. Até hoje não me lembro o que foi. Estávamos muito assustados. Aí ele nos viu, e havia vergonha e autopiedade em seu olhar, como se a pedir desculpas por ser tão besta, tão bobo e tão ridículo de não saber beber e ficar azarando a garota dos outros e atrapalhando a festa das únicas pessoas que haviam se dignado a lhe dar alguma atenção até aquele trecho de sua vida insípida. Parecia pedir desculpas pelo tempo que nos fizera perder esperando que ele fosse gente e fosse legal, e já antecipava naquele olhar de súplica e medo a enorme vergonha que sentia por ser um derrotado da vida e da sorte.

Ele pulou. Não nos deu tempo de fazer algum discurso de autoajuda. As duas meninas berraram, porque ele pulou de braços abertos como se estivesse pulando de um trampolim de piscina, mas ali embaixo não havia água. Era um morro relativamente alto, nem tanto um precipício. Era uma escavação da Mina que não dera certo. Era daquelas minas de terra argilada que era rodeada por barrancos, a céu aberto. O "precipício" que Chegado vira em sua bebedeira, na verdade era esse barranco, que ficava a uns oito metros do solo, que não era pedregoso ou lamacento. Era terra esbarrancada, batida e enlameada, e foi isso que salvou a vida do Gordo Estúpido, que deu uma pirueta involuntária no ar durante a queda e se estabacou sobre as duas pernas no chão. Quebrou-as, é fato, e também deslocou outros ossos e teve problemas com as costelas, e nos obrigou a improvisar uma maca com os cobertores do Play e a descê-lo com aquele peso todo morro abaixo, estragando a festa. Pior foi que nem com a queda o porre dele sarou. Ia dentro do cobertor improvisado de maca jurando amor perdido à sua musa, Kátia, que não sabia se chorava, corria de vergonha ou terminava de matar o Gordo. Gambá, que não podia fazer nada com o ferido, tinha decidido botar a culpa em mim e me olhava torto. Otoni, calado, demonstrava a todos que fora uma maldita ideia convidar aqueles dois pirados para o ensaio e o passeio. Engraçado, eu tinha virado "pirado" aos olhos deles, só por causa da piração do Gordo. Aquilo era tão injusto que jurei, naquele

“Parecia pedir desculpas pelo tempo que nos fizera perder esperando que ele fosse gente e fosse legal, e já antecipava naquele olhar de súplica e medo a enorme vergonha que sentia por ser um derrotado da vida e da sorte.”

“Seu sorriso vai ficar mais plantado em minha alma do que aquele seu olhar de comiseração à beira de um precipício que não era precipício coisíssima nenhuma.”

momento, dar cabo da vida do Gordo caso algum dos demais não cumprisse aquela promessa.

É claro que o Gordo se recuperou, e eu acabei não o matando. Sua mãe também tinha colocado a culpa em mim pelo que ela passara a chamar de "acidente", e eu acabei passando anos sem vê-lo, porque o Gordo mudou de escola tão logo saiu do hospital e da convalescência. Somente voltamos a nos encontrar depois de adultos, com vinte e cinco anos ou mais. Para variar, o reencontro foi em uma loja de discos, que então já vendia CDs, ainda caros para meus bolsos de jovem advogado. Ele riu. Seu sorriso vai ficar mais plantado em minha alma do que aquele seu olhar de comiseração à beira de um precipício que não era precipício coisíssima nenhuma. A conversa fluiu fácil. Eu já estava separado da minha primeira esposa e ele, casadíssimo com a "mulher da sua vida", conforme me segredou. Pelo menos dessa vez ele tinha encontrado uma musa menos comprometida e em circunstâncias menos ébrias e mais tranquilas.

O Gordo aprumou na vida, seguindo os passos do pai empresário. Descobriu um novo filão, a computação, e se tornou um ás mineiro nessa área. Depois de nosso reencontro nunca mais o vi. Sei que ganha dinheiro igual água, permanece casado e é pai de duas meninas lindas, mas isso tudo pelo que ouvi dizer. Ah! Detalhe importante: em sua página do facebook continua dizendo que detesta gente.

Daquele estranho dia em diante tive mais contato com o Otoni. Nos tornamos grandes amigos, muito embora trilhássemos dali em diante caminhos totalmente diferentes. O Otoni entrou e saiu da faculdade de engenharia como um raio. Seu negócio era música. Sua banda Pus Sanguinolento se tornou o principal nome do rock pesado nacional e deu shows em toda a América Latina. Aparecia em revistas especializadas que de quando em vez eu comprava só para mostrar para os conhecidos meu amigo na reportagem de capa. Mesmo entrando para o Exército e, depois, na faculdade de Direito e advogando, tirava um tempo para me encontrar com o Otoni. Ele me perdoara, fácil, por aquela besteira do Gordo. Aliás, perdoara também ao Gordo. O Otoni perdoava todo mundo e era dono de um magnetismo pessoal invejável, que só terminou em um acidente de trânsito que acabou com sua vida quando ele nem ainda tinha chegado aos trinta anos. Amarrei um porre no enterro dele. Ele teria gostado.

Por ocasião da morte do Otoni, sua banda já não tinha a mesma formação. Ele, já um cara maduro, tinha conseguido uns garotos para acompanhá-lo em outros instrumentos e nos vocais. Os antigos membros da banda, e daquele passeio inesquecível na Serra do Curral, tinham trilhado outros rumos. Chegado casou e separou de Débora, que sumiu. Ele hoje é dono de duas academias de karatê em Contagem. Play fala cinco línguas e é tradutor e intérprete, jamais se casou e dizem que é homossexual. No entanto, depois que nos tornamos adultos me encontrei com ele por duas ou três vezes em bares da Savassi, ele sempre acompanhado de namoradas. É um cara bom, e se está feliz é isso que importa. Gambá e Kátia se casaram de fato, e estão juntos até hoje, ela é esteticista e ele é professor de faculdade, desgraçadamente de matemática, a pior matéria da minha vida.

Chesterton dizia que contos de fada são mais que verdade, não porque nos dizem que dragões existem, mas porque eles nos dizem que dragões podem ser derrotados. De um jeito ou de outro, eu derrotei meus dragões ao longo da minha vida, e aqueles caras também tiveram os seus dragões, que derrotaram ao seu modo. Não sei se isso nos faz feliz ou se fomos malucos de viver como vivemos, e tomarmos as decisões que tomamos, e sofrer o que sofremos e ainda estarmos de pé. Na verdade, somos doídos por sermos sobreviventes.

“Não sei se isso nos faz feliz ou se fomos malucos de viver como vivemos, e tomarmos as decisões que tomamos, e sofrer o que sofremos e ainda estarmos de pé.”

Caro jornalista Manoel Marcos Guimarães,

Com quase imperdoável demora escrevo-lhe para agradecer a matéria "Convidada Especial" e as boas palavras que dedicou à minha poesia, o cuidado e competência com que a matéria foi feita. Qualidade de toda a revista, que li com prazer e espero ter vida longa e produtiva. Não pude comparecer à homenagem em Divinópolis, mas as flores que recebi registraram o carinho com que tudo foi preparado. Agradeço de coração e peço-lhe a gentileza de transmitir a todos da Revista meu muito obrigada na pessoa do seu presidente Herbert Carneiro e o meu entusiasmo com a publicação de *MagisCultura*.

Meu abraço grande e sucesso

Adélia Prado



NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juizes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.



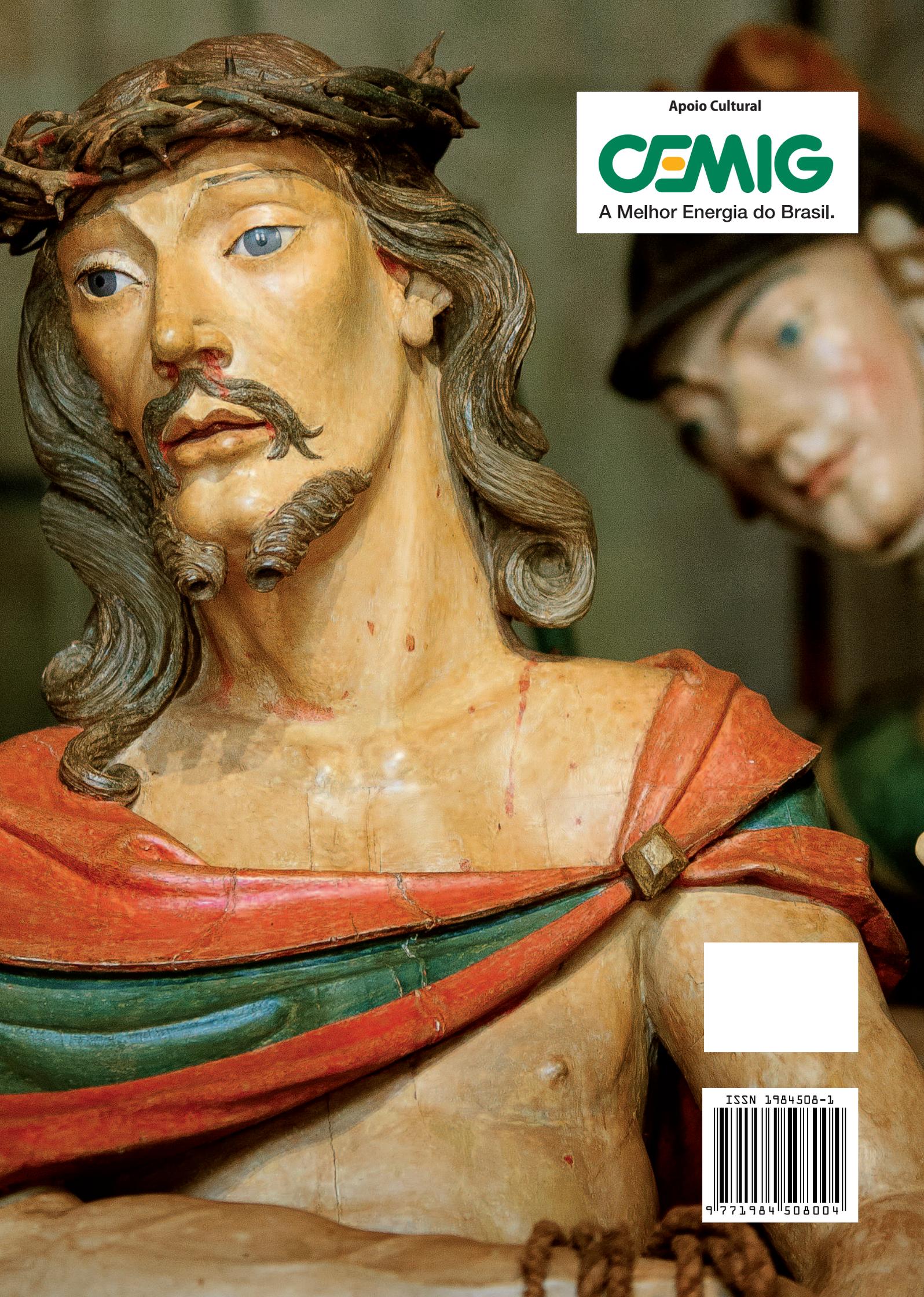
Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo) com certificação florestal, atestando que foi produzido de forma ecologicamente adequada, socialmente justa e economicamente viável, razão pela qual ostentamos, a partir desta edição, o selo verde FSC.



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro
Belo Horizonte . MG
CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3487
magiscultura@amagis.com.br

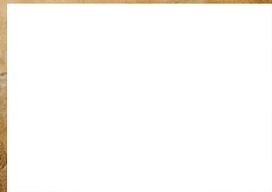
www.amagis.com.br



Apoio Cultural

CEMIG

A Melhor Energia do Brasil.



ISSN 1984508-1



9 771984 508004